

NÓS DA ESCOLA

RIO PREFEITURA EDUCAÇÃO



Atividade: Comunicação
CNPJ: 0283.356.485-5
Empregado: Paulo Castro e Souza
Função: Operador de Câmera
Firma: TV Morro Alto

Atividade: Comunicação
Empregado: Antônio Rodrigues
Função: Contra-Regra
Firma: TV Morro Alto
Atividade: Comunicação
CNPJ: 0283.356.485-5
Endereço: Rua Souza Dantas, 87

Empregado: Marcia Clemente
Função: Figurinista
Firma: TV Morro Alto
Atividade: Comunicação

Empregado: Hélio Coimbra
Função: Roteirista
Firma: TV Morro Alto
Atividade: Comunicação

Empregado: Adalgisa De Souza
Função: dona de casa
Firma: TV Morro Alto
Atividade: Comunicação
CNPJ: 0283.356.485-5
Endereço: Rua Souza Dantas, 87

Empregado: Lucas Sampaio
Função: Estudante
Firma: TV Morro Alto
Atividade: Comunicação
CNPJ: 0283.356.485-5
Endereço: Rua Souza Dantas, 87

Empregado: Cláudia de Souza
Função: Maquiadora
Firma: TV Morro Alto
Atividade: Maquiadora
CNPJ: 0283.356.485-5
Endereço: Rua Souza Dantas, 87

Empregado: Carlos Caruso
Função: Médico
Firma: TV Morro Alto
Atividade: Comunicação

Empregado: Jurandir Marques
Função: Diretor de programa
Firma: TV Morro Alto
Atividade: Comunicação
CNPJ: 0283.356.485-5

Empregado: Mariana de Castro
Função: Pedagoga
Firma: TV Morro Alto
Atividade: Comunicação

Empregado: João Carlos Dantas
Função: Locutor
Firma: TV Morro Alto
Atividade: Comunicação

Empregado: Wagner Miranda
Função: Produtor
Firma: TV Morro Alto
Atividade: Comunicação

Empregado: Wellington Macedo
Função: Marceneiro
Firma: TV Morro Alto
Atividade: Comunicação
CNPJ: 0283.356.485-5
Endereço: Rua Souza Dantas, 87

TV PÚBLICA

Um programa de todos e para todos

Multieducação:
Sala de Leitura

ISSN 1678-5141



9 771678 514269 00033



Jogos Pan-americanos
Uma conquista da **PREFEITURA**.
Uma vitória do **RIO**.

CESAR MAIA

PREFEITO

SONIA MOGRABI

SECRETÁRIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

REGINA DE ASSIS

PRESIDENTE DA MULTIRIO

MARCOS OZÓRIO

DIRETOR DE MÍDIA E EDUCAÇÃO

MARIA INÊS DELORME

*DIRETORA DO NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E
IMPRESSOS E JORNALISTA RESPONSÁVEL (MTB. 22.628)*

ÉLIDA VAZ

ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO E OUVIDORA

EQUIPE DE PRODUÇÃO:

GERÊNCIA PEDAGÓGICA

CRISTINA CAMPOS

JOANNA MIRANDA

GERÊNCIA DE JORNALISMO

EDITORA

MARTHA NEIVA MOREIRA

SUBEDITOR

HUGO RANGEL DE CASTRO E SOUZA

EDIÇÃO DE TEXTO

RENATA PETROCELLI

REPORTAGEM

FÁBIO ARANHA

CAROLINA BESSA

REVISÃO

CÉSAR GARCIA

FOTOGRAFIA

ALBERTO JACOB FILHO

GERÊNCIA DE ARTES GRÁFICAS

ANTÔNIO CASTRO (GERÊNCIA E DIREÇÃO DE ARTE)

GUAIRA MIRANDA (PROJETO GRÁFICO/DIREÇÃO DE ARTE)

VIVIAN RIBEIRO (PRODUÇÃO GRÁFICA)

IMPRESSÃO

CIDADE AMÉRICA ARTES GRÁFICA

TIRAGEM 36.500 EXEMPLARES



EMPRESA MUNICIPAL DE MULTIMEIOS LTDA.

Largo dos Leões, 15 - 9º andar - Humaitá - Rio de Janeiro - RJ - CEP 22260-210

www.multirio.rj.gov.br ouvidoriomultirio@pcrj.rj.gov.br

Central de atendimento: (21) 2528-8282 - Fax: (21) 2537-1212



LORRANA

DESENHOS DA ALUNA LORRANA KATARINE CHELES MARQUES
(4 ANOS) SÉRIE: E. I. ESCOLA MUNICIPAL NORBERTINA DE SOUSA GOUVEIA - 8ª CRE

- 4 editorial
Em pauta: qualidade da programação de TV
- 5 cartas
- 6 zoom
- 8 ponto e contraponto
Com os números a favor
- 11 carioca
Uma fábrica de Carnaval
- 13 século XX1
Tecnologia a serviço de todos
- 16 parceria
Instrumento de cidadania
- 18 pan 2007
Integração que vale prêmio
- 19 professor online
Rio já tem manual da praia
- 20 olho mágico
Por trás dos bastidores
- 21 caleidoscópio
Multieducação: Sala de leitura
- 23 rede fala
Diferentes sim, e por que não?
- 24 atualidade
Internet, culpada ou inocente?
- 26 capa
Programação de qualidade,
responsabilidade de todos
- 34 presente do futuro
Convivendo com as diferenças
- 37 pé na estrada
Infância em movimento
Mídia de qualidade na 4ª CRE
Reinvenção de Shakespeare
- 44 foi assim
Nossa célebre centenária
- 46 perfil
"Está com tudo e não 'tá prosa"
- 49 agenda
- 50 tudoteca

editorial

Em pauta: qualidade da programação de TV

Uma das discussões mais prementes da agenda cultural brasileira atual é a questão da TV pública e a qualidade dos serviços públicos de radiodifusão no Brasil, seus desafios, objetivos e responsabilidades.



Sonia Mograbi
Secretária municipal de Educação

O artigo 223 da Constituição de 1988 define o princípio "da complementaridade dos sistemas público, privado e estatal" como requisito para a outorga e renovação das concessões de TV no país. No entanto, o que vem caracterizando a televisão brasileira é a predominância do modelo comercial, comprometendo o equilíbrio previsto em lei.

O papel a ser desempenhado pelas televisões e produtoras educativas, como a MULTIRIO, é, portanto, crucial neste contexto.

A par disso, a sociedade organizada, profissionais da área, pais e educadores começam a mobilizar-se no sentido de criticar e influir na qualidade do que é veiculado e transmitido à população, principalmente às crianças e adolescentes, exigindo um efetivo retorno ao compromisso público de qualquer canal de TV.

Esta edição de NÓS DA ESCOLA tratará exatamente das diversas nuances desta discussão, em meio aos avanços tecnológicos.

Além disso, a revista irá contar, na seção *Perfil*, a história de um dos maiores comunicadores que o Brasil já conheceu: Abelardo Barbosa, o popular Chacrinha.

Na seção *Presente do Futuro*, será discutida a questão da sexualidade na adolescência.

Não deixe de ler.

Quer saber mais sobre as produções da MULTIRIO?

NOTÍCIAS DA MULTIRIO

Cadastre-se e receba gratuitamente, a cada semana, nossa newsletter. Mande e-mail para ouvidoria@multirio.pcrj.rj.gov.br ou ligue para 2528-6282.

Vitória

“O sucesso do Rodrigo, sem dúvida, é mérito dele, que deve ser dividido com sua família, seu professor Afonso e com todas as pessoas que o incentivam nos estudos. Parabéns, Rodrigo! Mas há algo mais que gostaria de lhe dizer. Todas as pessoas podem aprender matemática básica, como podem também aprender a tocar um instrumento musical ou a dançar. Mas algumas têm uma relação especial com a matemática, outras com a música e outras, ainda, com a dança. Essas pessoas querem ir além. Você deve ter essa relação particular com a matemática e isso é uma riqueza sua. Tenho certeza de que esse privilégio o fará solidário com os outros, estimulando-os e despertando neles o gosto pela matemática. Desejo-lhe muitas alegrias! Receba um abraço”
Professor Luiz Márcio Imenes.

Centenário

No último dia 9 a equipe da Escola Municipal Tiradentes realizou um evento de comemoração



do centenário da instituição, situada no Centro. Parabéns a toda comunidade escolar!

Sintonize a MULTIRIO no canal 14 da Net e assista a programas inéditos para crianças e adolescentes



Noah e Saskia

Aqui no País

**Viajantes da
história**

Luzes para Gita

**Os amigos de
Kwan Ming,**

entre outros



**Acesse www.multirio.rj.gov.br e confira
a programação completa da MULTIRIO
na Net, BandRio e TV Alerj**

ESCREVA PARA O NÚCLEO DE PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS DA MULTIRIO

Largo dos Leões, 15 - 9º andar, sala 908 - Humaitá - CEP 22260 210 - Rio de Janeiro - ou mande *e-mail* para multirio_dpub@rio.rj.gov.br

Para colaborar com a seção Rede Fala envie-nos seu artigo. O texto deve ser digitado em fonte Arial, corpo 12, e ter, no máximo, 6 mil caracteres. Todos os artigos serão submetidos a avaliação e publicados de acordo com a programação da revista. A MULTIRIO não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos e se reserva o direito de, sem alterar o conteúdo, resumir e adaptar os textos.

Visite nosso *site*: www.multirio.rj.gov.br

Dois lados de



Paulo Carlos Ourivio
comerciante

Mais do que o fato de ser custeada pelo Estado, o que define uma TV pública é a missão de produzir conteúdo que tenha a educação como fio condutor e que promova a cidadania. Seus objetivos diferem, necessariamente, dos que guiam as televisões comerciais, que são, acima de tudo, empresas privadas que visam ao lucro. Mas, na visão do público, será que essa diferença de concepção determina a qualidade dos programas que vão ao ar? A equipe de NÓS DA ESCOLA foi às ruas conferir.

— A TV pública tem o dever de educar e politizar o povo, ensiná-lo a respeitar o direito dos outros e a lutar por seus direitos, pois as camadas menos favorecidas não têm como se defender nesse país. As outras TVs também fazem a sua parte, só que em menor escala. Elas também tentam educar de alguma forma. Este compromisso com a educação é muito importante.



Andréia Ramos
secretária

— A TV pública é educativa, mostra o lado bom da televisão. Hoje, os meios de comunicação exploram muito o sexo, despertando essa sensibilidade nas crianças muito cedo, especialmente, com as novelas. A TV educativa é uma boa opção para os pais, pois oferece programas de qualidade para seus filhos.

— A TV hoje é o maior meio de comunicação e por ele passa muita coisa negativa. Mesmo assim, muitas pessoas gostam do que vêem na TV. Os canais educativos são muito poucos. Sou totalmente a favor deles porque, com certeza, superam os outros. Para a juventude é importantíssimo tê-los, pois proporcionam um conteúdo de maior qualidade.



Edmilson Vieira de Pontes
comerciário

uma mesma TV



Tânia Vieira Orosco
psicanalista

— O canal educativo é melhor porque prende mais a atenção do telespectador, principalmente quem tem filhos e quer que eles aprendam. Os outros canais não oferecem programas educativos. Se os pais acham que os filhos precisam de uma educação melhor e querem um canal específico para isso, eu acho interessante que assistam à TV pública.



Elaine Souza da Silva,
atendente

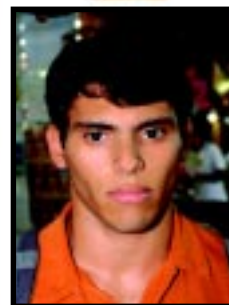
— A TV pública supera a comercial em termos de programas educativos. Há uma falta de interesse da TV privada em sustentar esse tipo de programação. A TV pública se pauta por interesses públicos, já a comercial, por outros interesses.



Jacira Batista
artista plástica e escultora

— As TVs públicas têm uma programação voltada para o interesse da população, com um teor mais educativo. As TVs privadas têm interesse comercial, são voltadas para a questão financeira. A sua programação é pautada por isso.

— Embora as outras emissoras tenham programas interessantes, a TV pública é muito mais instrutiva, tem uma boa programação. Ela dá educação, as outras não. É importantíssimo para o ser humano ter educação sempre. Infelizmente, muitos jovens não sabem disso. A televisão, que tem um poder muito grande, tem a obrigação de educar, mas não o faz como deveria. A TV pública consegue alcançar esse objetivo. O problema é que ela não conta com muita divulgação. As TVs privadas chamam muito mais atenção pelas celebridades que estão em seus programas, coisa que a TV pública não tem. Com isso, ela perde.



Márcio Júnior,
auditor administrativo

Com os números a favor

Já era tempo! A matemática parece estar perdendo forças como um velho fantasma escolar que assusta, em especial, as turmas de 5ª a 8ª séries. Prova disso é a ampla participação de estudantes do Brasil inteiro na 1ª Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (OBMEP), promovida pelo governo federal com o apoio do Instituto de Matemática Pura e



Aplicada (Impa). Foram inscritos cerca de 10,5 milhões de alunos de 31.038 escolas em 5.197 municípios brasileiros (93% de todos os municípios do país). E o Rio de Janeiro fez bonito no evento. A Escola Municipal José do Patrocínio brilhou graças ao aluno Rodrigo Soares Nunes, da turma 801, classificado em 2º lugar no *ranking* estadual e em 32º no nacional. Rodrigo, sua família, seus professores, a escola e a 5ª CRE estão de parabéns. De temperamento tímido e sorriso terno, Rodrigo foi muito receptivo aos *flashes* e à equipe de NÓS DA ESCOLA e mostrou ser possível “dominar a matemática” sem abrir mão do *skate*, do convívio com os amigos e da televisão, além da paixão por seu time de coração, o Flamengo. Difícil para ele, na escola, só duas coisas: história e interpretação de texto. Mesmo assim, ele não aceita “perder de primeira”, como costuma dizer. O importante é se superar.

O que fez você participar da Olimpíada?

Todos os alunos da escola foram inscritos nesta Olimpíada. Quem nos inscreveu foi o professor Raimundo Nonato, mas meu professor de matemática é o Afonso Henriques Raimundo. Eu já vinha estudando matemática e outras matérias para a prova da Escola Naval, que pretendo fazer de novo. Já fiz uma vez, mas não passei. A matemática não me preocupa, porque eu sei que sou bom nisso. Em português sou bom também, mas sou ruim em in-

terpretação de texto. Diante do texto fico nervoso, às vezes a resposta está no texto e eu não vejo, fico meio perdido. Quando eu era pequeno, acho que com uns 12 anos, meu pai me ensinou matemática e foi muito bom para mim. Ele me passava exercícios e eu conseguia pegar com facilidade. Foi uma base que me auxiliou muito. Meu irmão gosta de matemática também. Ele está na 5ª série do Colégio Militar, fez concurso, foi muito bem na prova e passou.

TEXTO

MARIA INES DELORNE

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

O que você acha que foi mais importante para o seu êxito na Olimpíada: ser bom de cálculos, usar o raciocínio ou as duas coisas?

Eu achei as provas fáceis. Na primeira, as questões foram mais de raciocínio e na segunda teve mais cálculo. Eu prefiro sempre trabalhar com cálculos, com aquelas questões onde aparece "resolva" e pronto. Quando entra muito texto explicando, quando tem muitas informações e não se pode perder um detalhe porque pode dar tudo errado, é ruim. Prefiro as questões em que os números são dados e pronto, eu vou lá e faço.

Você se interessou pela Olimpíada mais por gostar de matemática ou por estar em jogo a idéia de competir, de testar seus conhecimentos e habilidades?

Eu sempre levo a sério as coisas que faço. Quando tem alguma coisa que está valendo nota, que está valendo colocação, eu sempre faço tudo com jeito e cuidado. Mesmo em matemática, tem coisas de que eu gosto mais e outras menos. Gosto muito de geometria, de desenho, gostava de desenhar também, mas agora parei. Mais chatas são aquelas questões muito compridas, extensas, que usam números com casas decimais. Números decimais são muito chatos, as questões são mais complicadas, mais demoradas também. Mas faço todas as provas querendo tirar notas boas, nunca faço de qualquer jeito. E também gosto de competir, tenho prazer em tentar me superar e sempre busco ser o melhor.

E você sempre é o melhor? Sua família ou seus professores exigem isso de você?

Não, hoje sou muito ruim em história, é a matéria em que eu tenho a maior dificuldade. Não sei bem por que acontece isso, eu não gosto da matéria. Mas nem na minha família nem na escola me pressionam. Eles me apóiam sempre, me auxiliam, pedem para eu estudar. Meus pais me informam sobre as coisas que estão acontecendo, a gente não pode ficar parado. Eles estão sempre ajudando, me dando apoio. Se eu tirar notas ruins, minha mãe reclama comigo, pede para eu estudar mais para a próxima prova

na matéria em que eu fui pior. Não acho que seja ruim em história porque sou ruim em interpretação de texto, mas talvez porque eu esqueça o que está no texto que eu li. Mesmo lendo o livro, eu esqueço as respostas de história. Ainda sou melhor em português do que em história.

Como você organiza o seu dia? O que faz quando não está na escola?

Meu pai e minha mãe sempre falam que é preciso guardar uma hora para estudar. Depois eu posso brincar, correr, fazer outras coisas, mas sempre pelo menos uma hora do dia tem que ser separada para estudar. Eu não estudo matemática em casa nem uso livro didático para estudar em casa, porque tenho facilidade. Por isso, matemática eu só aprendo na escola e faço um curso também, aprendo no curso, mas no dia-a-dia não. No ano que vem, acho que não vou continuar o ensino médio. Penso em sair da escola para me preparar no cursinho para a Escola Naval. Quando estou livre, gosto de andar de *skate*, de jogar basquete, às vezes vou ao cinema, ao *shopping*. Gosto muito de ir ao cinema, ao teatro fui poucas vezes. Gosto de jogar futebol e videogames. Em casa, jogo no computador. Também gosto de assistir a televisão. Gosto mais de ver filmes. Jornais só mesmo na TV, na hora do almoço e à noite. Não leio muito jornal.

Você usa máquina de calcular em casa e na escola?

Só uso quando estou com pressa. Normalmente prefiro fazer a conta. Acho que a máquina de calcular atrapalha. Você se acostuma e, na hora em que tem que fazer uma prova ou resolver uma questão, acaba esquecendo. É mais fácil usar calculadora, mas a pessoa deve usar sempre lápis e papel. Na escola, não sei se nós poderíamos usar calculadora, nunca perguntei isso ao meu professor. Lá as contas são feitas sempre "no lápis". Todo mundo tem que saber pelo menos o básico de matemática para o dia-a-dia. Por exemplo, no mercado você precisa fazer conta. Minha mãe sempre controla as contas, tudo o que ela gasta. Ela faz contas e não pode dar um erro! Ela está sempre fazendo as contas das coisas e depois confere na calculadora. ▶



Você acha que a matemática pode ajudar a resolver com mais facilidade alguns problemas da sua vida prática?

Tem certas coisas que você utiliza no dia-a-dia, mas outras são mais para os concursos e as provas. Alguma coisa de matemática todo mundo tem que saber. Uma vez, meu pai queria fazer uma obra e precisava medir o comprimento do telhado. Eu ajudei, medindo a altura, fazendo um triângulo para medir o comprimento do telhado e vendo quantas telhas seria preciso colocar. Raciocinar, pensar logicamente é muito importante e fazer contas também. Os dois são importantes. Eu acho que faço bem cálculos mentais, sou rápido, mas não muito. Sempre decorei tabuada com facilidade, no início eu tinha mais dificuldade nas tabuadas de 6 e 7, mas depois foi fácil, decorei e hoje sei todas. Gosto muito de enigmas e quebra-cabeças matemáticos também. Quando vejo alguma questão diferente, um desafio novo, gosto de ver, tentar fazer, resolver.

O que você diria para quem sente dificuldade e que por isso tem medo da matemática?

O aluno tem que querer. Não adianta uma pessoa tentar ajudar se ele não cooperar, não prestar atenção. Tem gente que não presta atenção em nada na aula, fica conversando. Aqui, na minha escola, muitos alunos têm dificuldades em matemática. Outros são bons e tem bons professores também. Eu tenho um bom relacionamento com meu professor de matemática, falo com ele, converso. Os professores também me dão muito apoio. Às vezes eu dou idéias, opiniões, tento ajudar e eles aceitam. O aluno tem que querer tirar uma nota boa primeiro para conseguir fazer uma conquista. É normal a gente ter medo daquilo que sabe que não faz bem – no meu caso, história e interpretação de texto. Este

ano, tirei 4,5 em história. Acho que é mais fácil aprender quando o professor colabora, auxilia, em vez de ficar reclamando, brigando ou dando susto no aluno. Quando alguém me pede, eu sempre auxilio, nunca nego ajuda para quem está precisando. Estudar pelo livro didático também ajuda a aprender matemática. Tem exercícios, questões com figuras do dia-a-dia, principalmente geometria, altura de morro, parede, escada...

Você vai receber uma medalha de ouro e uma bolsa de iniciação científica pela sua colocação na Olimpíada. Já tem planos para o que pretende estudar mais profundamente?

Tenho certeza de que vou fazer concurso para a Marinha. Não pensei em nada além disso. No ano que vem, não devo ficar na escola, devo fazer só o curso para tentar de novo a prova para o Colégio Naval. Eu pretendo ser militar da Marinha. Acho que vou conseguir. Não sei o que eu vou fazer depois, se vou fazer faculdade ou continuar só na carreira militar. Depois que estiver na Escola Naval, com certeza vou precisar continuar estudando, deve ter muitas provas lá dentro, coisas mais difíceis.

Se hoje acontecesse uma Olimpíada de Redação, você se inscreveria?

Acho que sim, mas se fosse de história não entraria, não tenho muito conhecimento. Mas sempre é bom testar o conhecimento, ver o nível de conhecimento que eu tenho. Acho que todo mundo tem que enfrentar o lado difícil, as questões difíceis. Não pode ser assim: "Ah, isso é difícil, não vou tentar fazer, depois o professor vai explicar". A pessoa tem que tentar resolver, ver outros modos de fazer, nunca perder de primeira. ■

Uma fábrica de carnaval

Cidade do Samba reúne num só lugar os barracões das escolas do Grupo Especial

As escolas de samba do Rio de Janeiro já estão de casa nova. Desde setembro, suas oficinas de alegorias, fantasias e adereços passaram a funcionar na Cidade do Samba, um complexo de edificações que abriga os barracões das 14 escolas do Grupo Especial e que ficará aberto à visitação do grande público, permitindo que cariocas e turistas respirem carnaval o ano inteiro.

A Cidade do Samba está situada em um terreno de 78 mil metros quadrados, próximo aos armazéns 10 e 11, no coração da Gamboa, entre o Morro do Pinto e a Avenida Rodrigues Alves. O investimento, de cerca de R\$ 102,6 milhões, foi totalmente bancado pela administração municipal, que cederá o espaço à Liga Independente das Escolas de Samba do Rio (Liesa) por 25 anos e terá como contrapartida o pagamento de um aluguel correspondente a 10% do faturamento total das atividades previstas para o complexo. O projeto foi idealizado pela Liesa e coordenado pelo Instituto Pereira Passos, órgão da Secretaria Municipal de Urbanismo (SMU). O orçamento, a licitação e o gerenciamento das obras ficaram sob a responsabilidade da Empresa Municipal de Urbanização (RioUrbe), da mesma secretaria.

Antes da construção da Cidade do Samba, as escolas ocupavam galpões improvisados próximos ao Cais do Porto. Agora, estão alojadas nas Fábricas de Carnaval – que é como vêm sendo chamados os novos galpões. A escolha dos barracões pelas escolas foi feita com base no resultado dos desfiles do último carnaval. A Beija-Flor, portanto, foi a primeira a fazer sua opção, seguida pela Unidos da Tijuca e assim por diante. Como a intenção da Liesa é diminuir para 12 o número de escolas no Grupo Especial, no futuro dois galpões ficarão vagos. A entidade ainda não decidiu o que fazer com eles.

Vantagens – A infra-estrutura disponível para preparar o carnaval de 2006 e os desfiles dos anos seguintes é invejável. Guindastes em trilhos de aço, situados a 11,5 metros do chão, serão utilizados para o transporte mecânico das esculturas, antes erguidas pelos funcionários, até o topo dos carros alegóricos. Os guindastes também serão usados como elevadores para levar peças às oficinas construídas no segundo andar, que ficarão fora do alcance do público e dos concorrentes.

Outra vantagem dos novos abrigos é que não há limite de altura, como acontecia nos barracões antigos dos armazéns do Cais do Porto. Assim, os carnavalescos poderão montar suas alegorias com antecedência ►

TEXTO

FÁBIO ARANHA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO



Profissionais já correm contra o tempo para finalizar as obras



A Cidade do Samba contará com uma praça de eventos para shows e desfiles de alas das escolas

e contemplá-las já finalizadas. Conforto e segurança para os trabalhadores envolvidos na montagem das alegorias estão garantidos. Nos novos galpões o calor escaldante do verão carioca, vivido em sua plenitude nos antigos barracões, não terá vez, já que a estrutura não utiliza telhas de amianto na cobertura. O risco de incêndio também ficará bastante reduzido, graças a um sistema de detectores de fumaça que inclui mais de 7 mil *sprinklers*.

Não haverá grandes mudanças para o transporte dos carros alegóricos para o sambódromo. O trajeto é semelhante ao anterior e a Avenida Rodrigues Alves será a principal via de escoamento. Os portões das Fábricas de Carnaval têm 12 metros de largura por 8 de altura e as vias internas do complexo são amplas, facilitando a manobra para a retirada das alegorias.

Atração turística– A Cidade do Samba deverá estar aberta ao público até o carnaval de 2006. A intenção é que os barracões sejam aproveitados turisticamente, o que marca a profissionalização da preparação do carnaval. Técnicos da Prefeitura estimam que, anualmente, cerca de 10 milhões de pessoas

circulem pelos corredores do complexo. Os visitantes terão a oportunidade de acompanhar todo o processo de produção dos carros alegóricos, adereços e fantasias, caminhando por uma passarela metálica elevada, de onde poderão visualizar a preparação do espetáculo em todos os 14 barracões. As escolas, no entanto, terão a prerrogativa de bloquear a visão dos galpões caso queiram manter sigilo sobre as suas alegorias até o dia do desfile na Marquês de Sapucaí.

Quando as obras estiverem concluídas, a Cidade do Samba contará com uma praça de eventos, para *shows* de samba e apresentação de destaques e de alas das escolas, com programação a cargo da Liesa. Outra área ficará destinada a exposições. O empreendimento terá ainda lojas de produtos relacionados ao carnaval, como CDs e DVDs, além de quatro lanchonetes e 15 sanitários públicos. Estacionar o carro também não será problema, já que um amplo estacionamento oferecerá 226 vagas e áreas exclusivas para automóveis e ônibus de turismo. Por fim, serão construídas baias para as linhas de ônibus que atenderão ao local. ■

SERVIÇO

Cidade do Samba
Rua Rivadávia Corrêa, 60,
Gamboa.

Tecnologia a serviço de todos

Projetos inscritos na III Mostra Trocando Idéias com o Século XX1 favorecem a inclusão digital

A inclusão digital está no centro das atenções de professores e alunos da rede municipal de ensino. O tema foi o grande destaque da III Mostra Trocando Idéias com o Século XX1, organizada pelo programa Século XX1, da MULTIRIO. Dos 15 trabalhos pré-selecionados, boa parte fez uso de tecnologias como computador, internet e *softwares* de animação, produzindo ou recorrendo a jornais, livros, *blogs*, *sites*, celular, CD-ROM, revista eletrônica, vídeos, *flog* e fotonovelas. Para a professora Wania Clemente, gerente do programa e coordenadora da Mostra, a criação de um espaço para a troca de experiências sobre os trabalhos realizados em sala de aula é o grande mérito da iniciativa. “O desejo é que a mostra possibilite o diálogo e a reflexão do professor, lançando uma nova perspectiva de trabalho com a mídia”, avalia.

O evento aconteceu entre os dias 10 e 18 de novembro, teve 119 inscrições e produziu 62 relatórios. A coordenadoria regional de educação campeã em número de projetos pré-selecionados foi a 5ª CRE, com três. O júri popular elegeu quatro trabalhos, ficando dois deles empatados em 3º lugar. Segue um resumo dos 15 projetos finalistas:

• **Ser criança** (1º lugar) – A professora Amália Maria Mattos de Araújo, do Ciep Agostinho Neto (2ª CRE), trabalhou o resgate da identidade das crianças na sociedade atual, na qual cada vez menos elas brincam, utilizando jogos e brincadeiras infantis tradicionais. Com pesquisa em jornais, revistas, livros, internet e entrevistas com pais e responsáveis, o projeto valorizou a interdisciplinaridade e resultou na produção de livro, revista em quadrinhos e animação. ▶

TEXTO

LUIZ ALBERTO PRADO

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

Os professores Solange Castellano, Amália Maria Mattos, Marcelo Duarte e Cristiane Rojas





• **A vida como ela é... foi... será** (2º lugar) – Parte do Projeto Memória do Departamento de Educação da 1ª CRE, o trabalho, coordenado pela professora Cristiane Zicarelli Rojas, da Escola Municipal Gonzaga da Gama Filho, buscou a história da escola, do bairro e da cidade para auxiliar na construção da identidade individual e coletiva dos alunos e no resgate de sua auto-estima. Transformado em livro, o projeto também desenvolveu a prática da leitura e da escrita.

• **Torpedário: a invasão do celular na sala de aula** (3º lugar) – As possibilidades de ligação entre ética, conhecimento e o uso de novas tecnologias como alternativa de inclusão digital foram as preocupações dos professores Solange Castellano Fernandes Monteiro, José Airton Monteiro, Rosa Maria dos Reis de Almeida, Iramar Ferreira e Roberto Marques, da Escola Telêmaco Gonçalves Maia (6ª CRE). O projeto identificou as culturas que invadem o cotidiano da sala de aula, reconhecendo as linguagens das novas tecnologias, criando regras de uso do celular na escola e possibilitando formas lúdicas de desenvolver os conteúdos escolares.

• **(Re)pensando os sistemas de fábricas** (3º lugar) – Desenvolvido por Marcelo Duarte de Almeida (história) e Jamaci Fontes (língua portuguesa), da Escola Municipal José Emygdio de Oliveira (5ª CRE), o projeto buscou avaliar o anseio das sociedades pelo conhecimento e a conquista de novas tecnologias na produção fabril e seu impacto no mundo do trabalho. Resultou na produção de um vídeo que identifica as diversas situações de violação dos direitos humanos no processo fabril.

• **Eu conto as minhas histórias – sentidos e sentimentos** – Desenvolvido pela professora Ana Cristina da Costa Gomes, da Escola Especial Professora Maria Therezinha de Machado Carvalho (7ª CRE), com adolescentes portadores de deficiências múltiplas do Lar Maria de Lourdes. Articulando meios de comunicação como revistas, fotos, murais e livros, a turma construiu um livro sobre a busca da identidade, da auto-estima e da possibilidade comunicativa de alunos adolescentes portadores de deficiências múltiplas.

• **Com a boca no mundo** – Coordenadora pedagógica da Escola Municipal Alberto Rangel (7ª CRE), a professora Ana Cristina da Costa Gomes trabalhou com alunos da 5ª à 8ª séries, utilizando os meios de comunicação impressa e radiofônica para estimular debates sobre a violência urbana. O trabalho, que resultou na produção de um jornal impresso, estimula ainda o contato crítico com a mídia e desenvolve habilidades relacionadas ao diálogo, ao respeito e às diferenças individuais.

• **Os testemunhos da II Guerra Mundial** – A professora de técnicas comerciais (informática educativa) da Escola Municipal Presidente Médici (8ª CRE), Mônica Normandia Marques, utilizou a II Guerra Mundial para iniciar um debate em torno da violência. Empenhados na construção de um blog, alunos da 5ª à 8ª séries refletiram ainda sobre os benefícios e malefícios da tecnologia.

• **Brincando de ontem e hoje** – A coordenadora pedagógica Mariluci de Sousa Costa e os demais professores da Escola Municipal César Augusto Soares (3ª CRE) utilizaram brincadeiras antigas para tentar minimizar os efeitos da violência sobre os alunos. O projeto reuniu ferramentas como livros, computador, internet e música.

• **O que o governo tem pra gente?** – Uma revista eletrônica produzida em CD-ROM foi o veículo utilizado por alunos da 5ª à 8ª séries da Escola Municipal Ministro Edgar Romero (5ª CRE) para responder esta pergunta. O projeto foi coordenado pelos professores Jane Santos da Silva (coordenadora do projeto Proinfo e História), Ana Maria Paz de Oliveira (Sala de leitura), Carlos Lopes Marques (Proinfo), Heloisa Maria Marotta de Oliveira (coordenadora pedagógica), Jorge Wagner Campos da Cunha (geografia) e Odeléa de Souza Moreira (Núcleo de Adolescentes).

• **Preservar a água – abrace essa idéia**– A criação de um flog (www.flogao.com.br/jirauzinho.educacao.infantil) foi a solução encontrada pelas professoras Elizabete Costa Vasconcellos e Marly Bandeira Menezes Filha, da Escola Municipal Jardim de Infância República Árabe Unida (8ª CRE), para conscientizar os alunos sobre a importância da preservação da água. O conteúdo, gerado a partir de pesquisas em jornais, revistas e vídeos, foi apresentado em um mural.

• **Lendas – conhecer e valorizar a cultura brasileira** – Os professores Laurentina Gomes de Barros Silva (Oficina de Artes Visuais) e Luiz Cláudio Motta (Oficina de Vídeo), do Núcleo de Arte Grécia (4ª CRE), se reuniram para produzir com os alunos o DVD Lendas e o livro Raízes da nossa terra – lendas. Descobrimos o processo de animação por meio da fotografia digital, alunos de 6 a 14 anos fizeram ilustrações bidimensionais e personagens tridimensionais com massa de modelar.

• **Uma nova vida... e agora?**– A fotonovela foi o veículo encontrado pela professora

Lucileide Silva Lima da Conceição (regente de matemática e coordenadora do Núcleo de Adolescentes), da Escola Mafalda Teixeira de Alvarenga (9ª CRE), para falar com os alunos sobre Aids e outras doenças sexualmente transmissíveis. Com apoio de fotografia e computador, alunos da 5ª à 8ª séries receberam orientação sobre cuidados com a vida pessoal e práticas de sexo seguro.

• **Imaginação – uma janela aberta para a cidadania** – Em parceria com os alunos das turmas de progressão, as professoras Regina Faria Correia (Sala de Leitura) e Fabiana Dutra Monteiro, da Escola Municipal Affonso Várzea (3ª CRE), trabalharam na produção de um vídeo de animação sobre higiene pessoal e ambiental. O projeto facilitou o acesso ao laboratório de informática e desenvolveu a leitura e a escrita dos alunos.

• **Sala de informática como espaço de criação**– Uma revista eletrônica sobre o cotidiano da comunidade escolar. Este foi o resultado do projeto coordenado pela professora Sandra Costa (artes visuais), da Escola Municipal Telêmaco Gonçalves Maia (6ª CRE), com o objetivo de facilitar a compreensão cultural através da tecnologia. Foram debatidos temas como a luta contra a desigualdade social e a construção da identidade do aluno.

• **Imprensa escolar – jovens em ação: produzindo mídia, construindo cidadania, cultivando a paz!** – A partir de pesquisas na internet, em vídeos, CDs de música e CD-ROM, alunos da 4ª à 8ª séries do PET José Emygdio de Oliveira (5ª CRE) debateram temas relacionados à cidadania e produziram jornais impresso e eletrônico, CD com um programa radiofônico e um blog. O projeto foi coordenado por Vitor Nunes (professor regente das Oficinas de Informática Educativa, Rádio e Imprensa Escolar), com a colaboração de Alba Oliveira (informática educativa), Maria Azevedo (informática educativa e história em quadrinhos) e Shirley Senna (arte e reciclagem). ■

Instrumento de cidadania

Obra Social busca a emancipação dos cidadãos em cinco diferentes áreas de atuação

É comum a visão distorcida que associa assistência social a assistencialismo e filantropia. São conceitos, no entanto, essencialmente distintos. A assistência social deve ser considerada uma política pública e tem por objetivo assegurar ao cidadão condições para que seja livre e usufrua dos direitos à família, à infância, à adolescência, à velhice, à inserção no mercado de trabalho, à reabilitação profissional e à integração comunitária e social¹. Já ações isoladas de pessoas, organizações governamentais ou entidades da sociedade civil podem até ajudar a minimizar carências momentaneamente, mas não têm o compromisso com a transformação da realidade social.

A assistência social pressupõe planejamento de políticas públicas e deve criar condições de ascensão social, política e intelectual dos cidadãos que sofrem com a exclusão. Seus instrumentos mais poderosos na luta contra as garras que mantêm o ser humano atado à pobreza serão sempre a educação e o trabalho. Garantidas as suas condições mínimas de sobrevivência e o acesso a estes dois pilares, os assistidos passam a acreditar mais em si próprios do que na intervenção de qualquer autoridade ou benfeitor. Cidadãos dependentes são transformados, assim, em pessoas livres e críticas.

O assistencialismo, ao contrário, não cria qualquer processo de libertação ou desenvolvimento. Junto às camadas mais pobres da comunidade, pode apoiar de forma pontual, oferecendo alimentos, medicamentos ou quaisquer outros gêneros de primeira necessidade. Mas, após a realização das ações e o alívio temporário das carências, permanecem os problemas e a posição de dependência dos cidadãos.

Mais perigosa ainda é a possibilidade de utilização do assistencialismo como prática de dominação capaz de produzir cidadãos dóceis e manipuláveis. Alguns assistencialistas se aproveitam do fato de que as populações carentes ignoram ter direito ao amparo, desconhecem ser

este um dever do Estado. Ao assistir os cidadãos desfavorecidos, deixam claro que estão fazendo um favor e que, portanto, têm direito a alguma espécie de retribuição, na maioria das vezes na forma de votos. O vínculo entre assistidos e assistencialistas se dá pela gratidão. A retribuição eleitoral perpetua situações de submissão e dependência, reproduzindo cidadãos sem condições de autonomia e de expressão de demandas políticas diferentes das oferecidas por seus benfeitores.

Em casos extremos, de catástrofes como tsunamis e Katrinas ou de assistência a órfãos, paraplégicos, portadores de hanseníase, síndrome de Down, cegos, doentes mentais, idosos, vítimas de estupro e abuso sexual, o assistencialismo, em sua forma primitiva de fornecimento de alimentos, medicamentos e demais recursos, não é só necessário, como bem-vindo. Fora isso, os desamparados não necessitam de assistencialismo, e sim de assistência social.

A Obra Social da Cidade do Rio de Janeiro, em parceria com a Prefeitura, pratica a assistência social em sua verdadeira dimensão humana, buscando a emancipação dos cidadãos. Algumas de nossas ações são apresentadas a seguir de forma resumida².

• **Programa de Atendimento às Comunidades** – É o núcleo das ações da Obra Social, o programa que norteia todo o trabalho. Por meio de reuniões com os representantes das comunidades, possibilita o conhecimento de suas demandas e uma aproximação que é fundamental para a qualidade do atendimento. Foi a partir de um contato

¹ A assistência social está prevista na Constituição Federal do Brasil e é regulamentada pela Lei Orgânica da Assistência Social, nº 8.742, de dezembro de 1993.

² Para conhecer na íntegra os programas da Obra Social da Cidade do Rio de Janeiro, basta acessar o site www.obrasocial-rj.org.br.

TEXTO

MARIÂNGELES MAIA

(PRESIDENTE DA OBRA SOCIAL
DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO)

estreito com as comunidades que se constatou a necessidade de criação da maioria dos programas da Obra Social em atividade hoje.

• **Programa Cozinheiras Comunitárias** – Responsável pela instalação de cozinhas e refeitórios nas comunidades, o programa serve diariamente 200 refeições em cada uma das 23 unidades espalhadas pela cidade. Além de gerar empregos para cozinheiras recrutadas nas próprias comunidades, assegura ao cidadão duas refeições por dia pelo preço de R\$ 0,50. As refeições oferecidas são café da manhã (suco, café com leite, pão e manteiga) e almoço (carne, legume, arroz, feijão e uma sobremesa, que pode ser fruta ou doce). O programa está sendo indicado pelo governo federal para ser implementado em outros municípios, além de contar com apoio da iniciativa privada.

• **Casas de Capacitação Profissional** – Oferecem a pessoas acima de 16 anos a oportunidade de aprender um ofício e sobreviver com renda própria. São nove casas de capacitação, com cursos profissionalizantes rápidos e úteis, como doces e salgados, pães e biscoitos, bolos e tortas, cabeleireiro, manicure e pedicure, corte e costura, reparo de eletrodomésticos, instalações elétricas domiciliares, embalagem e artesanato. As salas reproduzem ambientes reais de trabalho e os alunos têm acesso a todo o material necessário às aulas. Além disso, após concluídos os cursos, os participantes que dispõem de um projeto para iniciar negócio próprio podem recorrer ao Fundo Carioca para a obtenção de crédito, matéria-prima ou equipamentos de trabalho.

• **Casas de Convivência e Lazer para Idosos** – Com atividades sistemáticas de cultura, lazer e saúde, as três casas de convivência existentes no município integram os idosos à sociedade, evitando o isolamento e melhorando sua saúde física e mental. São oferecidas aulas de yoga, alongamento, informática, inglês, unibiótica, danças, ginástica, aikidô, produção de textos, mimica, artesanato e poesia, além de oficinas de contadores de histórias, palestras, debates, shows, teatro e cinema.

• **Creches Sempre Vida** – Proporcionam alimentação, cuidados e educação às crianças entre três meses e quatro anos de idade, garantindo tranquilidade para a família e/ou responsáveis. As 20 creches oferecem alimentação (café da manhã, almoço e lanche), banho, soninho da tarde, brincadeiras educativas e passeios, funcionando das 7h às 17h. O atendimento é realizado com a participação de cerca de 20 voluntárias, que dão assistência em suas especialidades e ministram palestras para pais e recreadores sobre temas como odontologia, psicologia, dermatologia, pediatria, nutrição e mastologia. ■

O atendimento em números

- Atendimento às Comunidades (desde 2001)
2.899 comunidades atendidas
130 atendimentos em andamento
- Cozinheiras Comunitárias (desde 2002)
23 refeitórios
1.754.840 refeições oferecidas por R\$ 0,50
- Casas de Convivência e Lazer para Idosos (desde 2003)
3 casas
107.115 atendimentos
- Casas de Capacitação Profissional (desde 2002)
9 casas
14.598 alunos certificados
- Creches Sempre Vida (desde 2001)
18 unidades
94 mil crianças atendidas
- Doações (desde 2001)
274.406 toneladas de alimentos
103.342 cestas básicas
5.250 quilos de bombons
5.173 ovos de Páscoa
4.200 brinquedos novos
3.230 litros de sucos de frutas
2.266 camisetas
3.500 quilos de fubá
5.320 latas de leite em pó

Integração que vale prêmio

Projetos da 6ª e da 10ª CREs promovem inclusão de portadores de necessidades especiais

Um dia diferente, com direito a desfile, banda de música, pira olímpica, troféus e medalhas. Assim foi o último 22 de novembro para cerca de 450 alunos de 20 unidades escolares e da Vila Olímpica Clara Nunes, em Acari, que participaram dos Jogos Integrados da 6ª Coordenadoria Regional de Educação. Para professores e alunos, no entanto, a maior premiação foi a interação de crianças e jovens portadores e não portadores de necessidades especiais. Competindo juntos, eles mostraram que é possível superar barreiras por meio do esporte.

Realizados pela primeira vez, os Jogos Integrados aconteceram por pedido dos próprios estudantes. Depois de seis edições, este ano não foram realizados os Jogos Inclusivos, projeto em parceria com a Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SMEL), e eles queriam uma atividade semelhante. Entraram na disputa crianças de seis a 12 anos de idade e alunos das classes especiais com mais de sete anos. Susan Habib, coordenadora dos Jogos e professora do Centro de Ginástica do Instituto Helena Antipoff, destaca a ampla participação de estudantes com comprometimento físico e mental, graças à inclusão de provas em que todos podiam competir. "Participaram crianças com paralisia cerebral, em cadeira de rodas, deficiência visual e multideficiências", explica Susan.

O segredo da integração foi a formação de parcerias entre alunos portadores e não portadores de deficiência. Além de provas como corrida de 25 metros em cadeira de rodas e lançamento de saco de areia, em algumas modalidades, como ziguezague com cadeiras de rodas, os participantes eram conduzidos por um companheiro sem deficiência. Já no circuito integrado, as equipes contavam com três portadores e três não portadores de deficiência, que tinham de vencer obstáculos como arcos, ziguezague e cordas, além de pular amarelinha e lançar bola ao gol.

Outras modalidades foram lançamento de pelota, salto em distância e salto em distância sem corrida.

Vitória coletiva – Todas as provas dos Jogos Integrados valeram pontuação, sem distinção entre habilidades e condições dos alunos. A escola campeã foi a Cláudio Ganns, de Anchieta, que recebeu um troféu. Mas todos ganharam medalhas. "Não precisou haver confronto entre os dois tipos de atletas. As atividades foram feitas em conjunto, uns torciam e incentivavam os outros", ressalta Susan.

A integração também foi o melhor resultado do I Festival Inclusivo da Primavera, realizado pela 10ª CRE em parceria com a Vila Olímpica Oscar Schmidt, em Santa Cruz. Nos dias 15 e 16 de setembro, 750 estudantes de 32 escolas se divertiram nas competições de atletismo, natação e habilidades, que incluíam provas de ziguezague com cadeira de rodas, bola ao arco, bola ao gol e salto em distância sem corrida.

Antes do Festival, foi realizado um concurso para a escolha da logomarca do evento. A vencedora foi a Escola Especial Municipal Doutor Hélio Pellegrino, em Santa Cruz. "O mais importante foi a ampla participação de professores, pais e alunos, que vibraram com cada atividade", destaca Jurema Lima, coordenadora do Festival e professora de educação física da Escola Hélio Pellegrino. Nas competições esportivas, saiu vitorioso o Ciep Roberto Morena.

A exemplo dos Jogos Integrados e do I Festival Inclusivo da Primavera, a inclusão de portadores de deficiência também vai ter espaço de destaque em 2006. A SMEL está preparando uma grande competição paraesportiva para o primeiro semestre, com modalidades como natação, atletismo e futebol de sete (para atletas com paralisia cerebral). O formato do evento ainda está em estudo, mas já dá para imaginar que todos sairão vitoriosos. ■

TEXTO

CAROLINA BESSA

Rio já tem manual da praia

'Site' elaborado pela Prefeitura ensina a evitar acidentes e problemas de saúde nas praias



Sinônimo de descanso e diversão, a praia é uma das opções de lazer mais populares entre os cariocas. Numa cidade abençoada pela orla marítima extensa e pelo sol abundante o ano inteiro, ir à praia é programa garantido de janeiro a dezembro. Mas é com a chegada do verão que a frequência às praias aumenta e, com isso, a necessidade de redobrar cuidados para prevenir acidentes e riscos à saúde. Manter as praias limpas e seguras é dever de todo cidadão. Não foi por outro motivo que a Prefeitura do Rio de Janeiro lançou no *site* www.pcrj.gov.br o Manual da Praia, que orienta o internauta sobre o que é permitido ou não em relação ao comércio ambulante na areia, aos quiosques, ao frescobol, ao uso de bicicletas e à presença de cães.

Uma das maiores preocupações do Manual é assegurar as condições de higiene de alimentos

consumidos na praia. Não é permitida a comercialização de quaisquer alimentos produzidos no local, como churrasquinho e queijo na brasa, e de frutas cortadas, descascadas ou raladas. Produtos perecíveis, como sorvetes e sanduíches, devem estar acondicionados em caixas isotérmicas, com gelo suficiente para a sua conservação. O consumidor deve ficar atento ainda ao prazo de validade e aos rótulos, nos quais devem constar o nome do produto, a marca, o nome e o endereço do fabricante.

Embalagens e utensílios de vidro também estão proibidos, para evitar acidentes. Pelo mesmo motivo, não é permitido jogar frescobol à beira da água entre as 8h e as 16h, aos sábados, domingos e feriados dos meses de dezembro a março. Pais e professores devem estar conscientes para exigir seus direitos, orientar as crianças e cumprir seus deveres. ■

TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

O que é obrigatório

- fornecimento de saco plástico descartável para o lixo por vendedores ambulantes;
- utilização de recipientes com tampa para a coleta de lixo nos quiosques;
- distância mínima de 50 metros entre uma barraca e outra (para comércio na areia da praia);
- desmontagem diária das barracas e retirada do material utilizado;
- utilização de material descartável para servir os alimentos, inclusive copos para chope;
- uso de uniformes para os responsáveis por quiosques e barracas.

O que é proibido

- veiculação de música nos quiosques;
- circulação de animais na areia;
- estacionamento, tráfego e obstrução de acesso às ciclovias por veículos motorizados;
- circulação de adultos em bicicletas pelas pistas de lazer (fechadas ao tráfego de veículos aos domingos e feriados);
- venda de leite *in natura* ou fracionamento de seus derivados;
- fornecimento de gelo sem registro do órgão competente;
- reutilização de material descartável para comércio de alimentos.

SERVIÇO

Qualquer irregularidade deve ser comunicada aos órgãos competentes. Para reclamações, denúncias ou orientação, o cidadão deve entrar em contato com o Grupamento Marítimo (tel.: 2295-8585), a Guarda Municipal (tel.: 0800-211532) e a Ouvidoria da Secretaria Municipal de Governo (tel.: 2273-2816).

Por trás dos bastidores

Professores da Rede Municipal de Ensino conhecem processo de produção da MULTIRIO

TEXTO
ELIDA VAZ

Conhecer os estúdios onde são gravados os programas de TV, visitar as ilhas de edição, ver de perto animadores preparando uma nova série de desenhos, acompanhar a produção de publicações e de páginas na *web*, conversar com educadores, jornalistas, pesquisadores e profissionais de várias áreas. Esta foi a programação cumprida por professores de escolas da Prefeitura que visitaram a sede da MULTIRIO, no Humaitá.

Os docentes integram as comissões de representantes de professores de todas as Coordenadorias Regionais de Educação no Departamento Geral de Educação (DGE) da Secretaria Municipal de Educação (SME). Divididos em grupos, visitaram a MULTIRIO em três dias diferentes, nos meses de outubro e novembro, para ver de perto como a empresa cria, realiza e distribui produtos de mídia nas áreas de TV, *web* e impressos, além dos projetos especiais de animação e oficinas.

As visitas foram incluídas nas atividades planejadas pelo DGE para 2005 a pedido dos próprios docentes. Desde 2001, a MULTIRIO atende a pedidos de visitas de professores e alunos da Rede Municipal de Ensino, da rede particular e de universidades, inclusive de outros estados e países. Andréa Mota de Almeida, que leciona na Escola Tiradentes, quis saber de todas as etapas que envolvem a realização dos desenhos animados da série *Juro que vi*. E ficou impressionada ao constatar que o processo de trabalho, que pode levar até um ano, conta com a colaboração de alunos da Escola Municipal George Sumner, no Riachuelo. "É muito bom poder ver tudo de perto. Não tínhamos idéia de como as produções são realizadas".

A coordenadora do Núcleo de Animação da MULTIRIO, Patrícia Alves Dias, fez questão de mostrar como a linguagem da animação pode ser incorporada ao cotidiano das escolas de forma simples e com custos reduzidos. "A animação é generosa por propiciar o acesso das crianças à arte. Talvez o grande segredo seja a ludicidade, a brincadeira envolvida no processo", explicou. Os professores

também puderam ver de perto o trabalho que os animadores estão realizando para o novo episódio da série *Juro que vi*, "Matinta Perera", que será lançado em 2006.

Num dos estúdios onde são gravados os programas, os professores quiseram conferir os elementos que compõem os cenários, muitos deles construídos na própria empresa. O diretor Thomil Gonçalves, do programa *Nós da Escola*, mostrou como são produzidos os efeitos especiais, falou sobre a importância da iluminação e sobre as possibilidades criadas pelo *chromakey* para a inclusão de imagens de fundo na composição de ambientes.

As transformações pelas quais passou a revista NÓS DA ESCOLA, desde a época em que foi lançado o primeiro número, em forma de boletim informativo, pela SME, em 1996, até chegar ao modelo atual, com 48 páginas coloridas e tiragem de 35 mil exemplares/mês, foram destacadas por Isabel Barbosa, da Escola Professora Maria Therezinha C. Machado. Desde os anos 90 ela coleciona a publicação e antes de visitar a MULTIRIO reviu vários números. "É muito bom acompanhar a evolução da NÓS DA ESCOLA. Também gostei muito de ver como é feita animação nos filmes, pois venho utilizando este recurso com crianças portadoras de necessidades especiais. Estou ansiosa para chegar à minha escola e contar para os outros professores e para os alunos", anunciou Isabel, professora há 20 anos, cinco deles no município.

A participação de professores e alunos nas produções da empresa é um de seus grandes diferenciais, com reconhecimento no Brasil e no exterior. Outro aspecto observado por professores e alunos nas visitas é a multiplicidade de profissionais que integram as equipes dos diferentes núcleos e áreas de produção. São profissionais das áreas de ciências humanas, exatas e sociais. As visitas podem ser agendadas para os turnos da manhã ou da tarde e também para estudantes e professores de cursos de graduação, mestrado e doutorado. ■



SERVIÇO

As visitas para o ano de 2006 podem ser agendadas na Ouvidoria da MULTIRIO, pelos telefones 2528-8282 e 2528-8235 ou pelo e-mail ouvidoriامتيريو@pcrj.rj.gov.br.

Multieducação: Sala de leitura

DIVULGAÇÃO



Que concepções temos sobre o ato de ler? O que significa promover a leitura e a formação de leitores no contexto escolar? Que caminhos favorecem a aproximação entre a leitura na escola e na vida?

Estas são algumas das questões apresentadas no fascículo “Sala de leitura”, da série *Multieducação – temas em debate*, de atualização do Núcleo Curricular Básico Multieducação.

O texto é fruto de discussões realizadas nos encontros do GT Mídia – grupo de trabalho criado em 2001 pela Divisão de Mídia-Educação da Secretaria Municipal de Educação (SME). O grupo conta com a participação de professores regentes de sala de leitura e de representantes das equipes da DED (Divisão de Educação) das 10 Coordenadorias Regionais de Educação.

Discutir o lugar e a importância do desenvolvimento de práticas leitoras na escola é o principal objetivo do fascículo, cuja pro-

posta é traduzir-se num convite à reflexão sobre a necessidade de promover a leitura e a formação de leitores a partir do trabalho das salas de leitura.

Criadas em 1985, as salas de leitura têm como principal eixo a realização de atividades e projetos voltados à comunidade escolar, nos quais o livro e a literatura se articulam com outros tipos de texto e de suportes textuais.

A proposta envolve a apropriação crítica de linguagens como as do rádio, da TV, do jornal, da internet, entre outras, na perspectiva da ►

TEXTO

SIMONE MONTEIRO DE ARAUJO
(DIRETORA DA DIVISÃO DE
MÍDIA-EDUCAÇÃO DA SME)

Lugar de encontro

De muitos leitores/ autores
De muitas leituras...
Lugar de (com)partilhar
E de (com)viver
Lugar de encontrar
Um bom motivo pra ler!

Você conhece os acervos da sala de leitura de sua escola?

Um convite ao leitor

O trabalho na Sala de leitura é orientado por alguns pressupostos. Confira:

- **Ler o mundo, ler a palavra** – não é suficiente ao leitor apenas decifrar/decodificar o que tem diante dos olhos. É preciso compreender, interpretar e articular as informações, estabelecendo relações entre o que lê e a realidade em que vive.
- **Muitos textos, muitas leituras** – a compreensão do perfil de leitor envolve o uso de diferentes modos de ler, adequando-os às suas necessidades, bem como o conhecimento das diferentes linguagens e tipos de textos que circulam em sociedade.
- **Ler com os alunos/ ler para os alunos** – o professor deve buscar inserir democraticamente seus alunos em práticas variadas, de modo que possam experimentar a leitura em diversos contextos e de diversas formas.
- **Professor-leitor, aluno-autor** – refere-se à necessidade de que o educador se constitua como leitor, condição sem a qual qualquer projeto nesse sentido se inviabiliza.
- **Viver a literatura** – a literatura tem papel fundamental nesta proposta. Mais do que ensiná-la, é preciso vivê-la. Ela se constitui no eixo central do trabalho, desafiando o aluno a refletir, argumentar, opinar e assumir-se como protagonista no processo.
- **Ler e escrever – transitivos do verbo viver** – as ações da sala de leitura favorecem não só o acesso a materiais de qualidade mas também a apropriação de seus modos de produção pelos alunos, propiciando a elaboração de seus próprios textos. Escrever livros, editar imagens, produzir *sites* são algumas das possibilidades.
- **Sala de leitura e sala de aula** – a proposta aponta para o enriquecimento do trabalho e não para a repetição do que já ocorre em sala de aula.
- **Sala de leitura – um convite ao leitor** – o ambiente da sala de leitura deve ser organizado com acervos variados e organizados, em que os materiais estejam ao alcance dos leitores que a procuram, dos pequeninos aos jovens e adultos.

leitura como prática social viva, que se dá dentro da escola e também fora dela, favorecendo o que Paulo Freire definia como “leitura de mundo”.

Perceber a leitura como marco fundamental à inserção dos alunos no universo simbólico de sua cultura é essencial a todos os educadores que se propõem à busca de novos sentidos para a prática docente. Independentemente da disciplina, modalidade de ensino, série ou ano de escolaridade em que leciona, todo professor é/ deve ser um formador de leitores.

A compreensão das práticas de leitura na escola como meras atividades a serviço do aprendizado da língua materna ou do acesso a conteúdos específicos de outras disciplinas deve cada vez mais ceder espaço ao verdadeiro encontro entre leitores e textos.

Assim, a articulação de ações entre professores regentes de sala de leitura e os demais professores da escola é outro aspecto fundamental à elaboração e ao desenvolvimento de propostas em que a leitura e, em especial, a literatura sejam devidamente valorizadas por meio de práticas

intertextuais, propiciando aos alunos a sua interação com diversos textos e gêneros discursivos.

Propõe-se que as salas de leitura se constituam em espaços privilegiados para esses encontros, nos quais o prazer de ler, ouvir, contar e produzir histórias esteja sempre presente e se dê dos mais variados modos.

As atividades e projetos a serem desenvolvidos nas/ a partir das salas de leitura envolvem a realização de rodas de leitura, cineclubes, encontro com autores, orientação de pesquisas escolares, empréstimos de livros, além de oficinas para professores e alunos, entre outros. Todas as propostas se integram às demais ações da escola no contexto de seu projeto político-pedagógico.

Grandes ou pequenas, as salas de leitura devem ser organizadas e acolhedoras, de modo que seus leitores – alunos, pais, professores e demais profissionais – encontrem ali uma oportunidade para ampliar e enriquecer suas experiências na escola e na vida. ■

Diferentes sim, e por que não?

Este foi o título de um projeto desenvolvido na Escola Municipal Nair da Fonseca, localizada em Sepetiba, Zona Oeste da cidade. Na escola há alunos com necessidades educacionais especiais e alguns deles me chamaram a atenção, especialmente os portadores de deficiência auditiva. O grupo, que deveria se comunicar pela língua brasileira de sinais, pouco utilizava esse conhecimento tão importante, porque quase ninguém na escola o conhecia.

No início de 2005, numa turma de 4ª série, recebi um aluno portador de deficiência física que não aceitava a sua realidade. E aí o projeto me veio à mente. Meu objetivo era formar uma consciência crítica com relação às diferenças, fazendo com que os alunos as percebessem não como algo que diminuísse quem quer que fosse, mas que entendessem que todos nós somos diferentes e que vivemos numa sociedade plural. Como escreveu Arendt¹, “a pluralidade é a condição da ação humana, pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir”.

Durante uma semana os alunos receberam ensinamentos sobre diferenças individuais, anatomia e fisiologia do aparelho auditivo e poluição sonora, pensando nos ambientes “poluídos” da escola. Foram desenvolvidas oficinas de literatura, com livros paradidáticos que valorizaram e deram suporte a esses conteúdos, e também oficinas de trabalhos manuais. As crianças aprenderam alguns sinais básicos da língua para deficientes auditivos e adquiriram meios para que a comunicação acontecesse efetivamente, diminuindo levemente as barreiras porventura existentes. Alunos surdos, outrora restritos ao seu próprio grupo, puderam a partir daquele momento compartilhar a língua de sinais com os colegas.

A educação existe como mediadora entre conhecimento e prática. É ela que pode abrir nossos olhos para o conhecimento de realidades diversas. Para que possamos educar para a diversidade, precisamos, como educadores, nos libertar de grilhões como a indiferença e o desrespeito e ter uma consciência livre de preconceitos escusos e mesquinhos, que diminuem o outro e matam lentamente quem os nutre².

A experiência de envolver num projeto alunos de outras turmas me rendeu inúmeros ensinamentos, mas nada substituirá o olhar daquelas crianças quando falamos sobre respeito e educação como a única instância capaz de vencer as barreiras da indiferença. O olhar de esperança também deve ser o nosso, e é isso que faz toda a diferença: o nosso olhar em relação ao outro, um olhar de respeito – nunca de desprezo e desvalorização.

O dia em que aprendermos, fizemos e vivermos tudo isso na prática saberemos que nossa caminhada rumo ao conhecimento não cumpriu simplesmente os requisitos de que precisávamos para sairmos das instituições escolares e acadêmicas. Verificaremos que a educação foi capaz de nos alcançar profunda e interiormente, destruindo tudo aquilo que construímos mal, e finalmente voltaremos ao melhor estado que o ser humano pode ter em sua existência: a visão que uma criança tem do outro. Suas ações são sempre as mais sinceras e completamente despidas de qualquer tipo de preconceito. ■

²Segundo Romeu Kazumi Sassaki, na obra *Inclusão: construindo uma sociedade para todos* [Rio de Janeiro, WVA, 1997. p.2], “o modelo médico da deficiência tem sido responsável em parte pela resistência da sociedade em aceitar a necessidade de mudar suas estruturas e atitudes para incluir em seu seio as pessoas portadoras de deficiência e/ou de outras condições atípicas para que estas possam, aí sim, buscar o seu desenvolvimento pessoal, educacional e profissional. É sabido que a sociedade sempre foi, de um modo geral, levada a acreditar que, sendo a deficiência um problema existente exclusivamente na pessoa deficiente, bastaria prover-lhe algum tipo de serviço para solucioná-lo”.

¹Hannah Arendt, citado por Marcos José da S. Mazzotta, no documento *Educação especial – significação de termos*, constante do seminário: Surdez – Desafios para o Próximo Milênio [Rio de Janeiro, Instituto Nacional de Educação de Surdos (Ines), 2000. p. 26].



Rita de Cássia M. de O. das Neves

Pedagoga e psicopedagoga. Professora de ensino fundamental da E. M. Nair da Fonseca (10ª CRE). Professora de disciplinas pedagógicas do Curso de Formação de Professores do Instituto Analice.

Internet, culpada ou inocente?

Unesco conclui que *web* pode extinguir idiomas. Especialistas dizem que ela pode ser meio de resistência



Metade dos idiomas falados no mundo pode sumir nos próximos 100 anos devido ao uso de novas tecnologias como a internet. A informação faz parte de estudo divulgado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) em novembro. Segundo o documento, o uso das novas tecnologias, apesar de suas inúmeras vantagens, pode contribuir para o desaparecimento de cerca de 3 mil idiomas neste século, o que corresponde a 50% das línguas do planeta.

Especialistas, entretanto, afirmam que a internet é apenas um dos fatores e pode ser usada como meio de resistência. “O que realmente exerce pressão sobre as línguas é a cultura ocidental e a internet é apenas um de seus instrumentos. Como seu principal uso é recreativo, ela proporciona acesso à músicas, filmes e outras produções culturais”, explica o antropólogo Rogério Lourenço, gerente de Documentação e Pesquisa da MULTIRIO.

O que ocorre, segundo Lourenço, é um processo de volição: “a pessoa deixa de fazer com que a tradição se perpetue. O jovem passa a não achar interessante a preservação da sua cultura, preferindo se integrar à cultura dominante”. Ele acrescenta que esta pressão se dá na medida em que os membros de uma determinada comunidade lingüística têm contato com a educação formal ocidental”. Para o antropólogo, a ação dos governos é fundamental nos esforços de preservação de línguas ameaçadas. Em sua opinião, os governantes precisam reconhecer a validade e a importância dessas línguas. Diz também que existem muitas formas de resistência, uma delas com a utilização da própria internet. A educação à distância, segundo ele, serviria não apenas para preservar a língua de um determinado grupo, mas também para divulgá-la para outros povos.

Para o professor de lingüística da Faculdade de Letras da Universidade do Estado do Rio

TEXTO

FÁBIO ARANHA

ILUSTRAÇÃO

EDUARDO FILIPE

de Janeiro (Uerj) Ricardo Joseh Lima, a proliferação de documentos em inglês na internet tende a consolidar a hegemonia do idioma sobre as outras línguas. Isto se deve, segundo ele, ao fato de uma língua padrão facilitar a comunicação entre diferentes culturas. Como consequência, o inglês, por ser a língua falada pela nação de maior poder político e econômico do mundo, acaba se impondo sobre as outras.

O professor alerta para o fato de que línguas sem uma comunidade lingüística estruturada correm maior risco de extinção, principalmente nas culturas sem sistema de escrita. Também correm perigo línguas não-oficiais ou restritas a grupos étnicos ou religiosos e que não são ensinadas em escolas. “Quando as crianças de uma comunidade lingüística não aprendam o seu idioma, não conseguem passá-lo adiante quando se tornam adultas. Perdendo a língua, as tradições, costumes, ou seja, a cultura de um determinado grupo se dissolve. As línguas sempre morrem. Aconteceu com o latim e com muitas outras. A novidade é que há um processo muito mais acelerado de extinção ocorrendo atualmente”, comenta Ricardo Lima.

Fundações e organizações não-governamentais pelo mundo afora tentam manter vivos idiomas ameaçados de desaparecimento. Uma dessas iniciativas está sendo tocada pela ONG E-Meld, sigla em inglês para Metaestrutura Eletrônica de Dados para Línguas Ameaçadas. Sua atuação se baseia num mapeamento das línguas faladas no planeta, a partir do qual são identificadas as que estão em perigo e é apontado o grau de ameaça à sua sobrevivência. A partir desses dados, os especialistas da ONG buscam documentá-las na internet, publicar dicionários e ensiná-las a indivíduos que por elas possam se interessar.

No *site* da E-Meld (www.emeld.org), pesquisadores podem entrar em uma sala de bate-papo para conversar em comunidades *on line* específicas para 24 das línguas ameaçadas de extinção. Os interessados também encontram um sistema de busca de idiomas extintos e ameaçados, por país. De acordo com a E-Meld, há 44 línguas extintas no Brasil e 22 ameaçadas de extinção, todas indígenas.

Preservação– De acordo com o estudo da Unesco, para salvar as línguas sob risco, é preciso investir na tradução de *softwares* e no desenvolvimento de conteúdos para a *web* em alfabetos diferentes do latino. Com o que concorda o professor Ricardo Lima: “Para reverter esse processo, é necessária uma ação política, de conscientização das pessoas de que é possível ter uma alternativa ao inglês. É importante que surjam iniciativas locais de resistência, principalmente na academia”, comenta.

Mas a academia não parece ainda estar sensibilizada para cumprir essa difícil missão. A antropóloga e professora da Universidade Estácio de Sá, Dinah Guimaraens, que há seis anos trabalha com tribos guaranis no estado do Rio de Janeiro, afirma que falta uma política séria e viável financeiramente para preservar a língua e a cultura indígenas. “De uma maneira geral, os antropólogos são muito acomodados. As universidades têm interesse em atuar, mas sofrem de uma ótica paternalista e atrasada. Poucos teóricos aceitam deixar o índio falar por si mesmo. É preciso colocá-lo na linha de frente da discussão de como conduzir sua cultura. Ele precisa ser agente de sua própria mudança”, ressalta.

A antropóloga faz parte da Associação Tupi-Guarani e Guarani Awá Ropedju, que tem como objetivo preservar as tradições orais desses povos. A entidade pretende criar na tribo Paraty-Mirim, em Parati, município da Costa Verde fluminense, uma aldeia ecoturística e um museu vivo, onde os visitantes poderão vivenciar uma demonstração das técnicas artesanais e da cultura do índio. Ela acrescenta que, na Amazônia, há a idéia de criar uma universidade indígena para ensinar e preservar a língua, os saberes e a cultura dos índios. Nas tribos, já existem escolas diferenciais, que contam com educadores e cartilhas bilingües. Já o Museu do Índio, da Funai, prepara um CD-ROM com conteúdo sobre as línguas indígenas ameaçadas de extinção. ■

Programação de qualidade,

Há quem acredite que no Brasil não existe TV pública, segundo um entendimento de que isso só seria possível se houvesse emissoras com autonomia política e financeira, com dirigentes detentores de mandatos fixos e com orçamento próprio definido por lei. É um entendimento. Mas a história e a realidade mostram que, apesar dos problemas e percalços, as redes públicas vêm desempenhando um papel importante. A TVE do Rio de Janeiro é um exemplo. Pela programação destinada à infância e à educação, a emissora carioca acabou de receber do Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) o prêmio regional para a América Latina e Caribe relativo ao Dia Internacional da Criança no Rádio e na TV, e também foi indicada ao Emmy, a mais cobiçada distinção conferida às TVs no mundo todo. A presidência da TVE é ocupada por indicação do governo federal e seu orçamento não está definido em lei – ao contrário: é fruto de constante negociação. A verba atual destinada à emissora é de R\$ 35 milhões por ano. Algo bem distante do orçamento da BBC de Londres, por exemplo. No Reino Unido, cada domicílio com aparelho de televisão paga uma taxa anual de cerca de 116 libras – um imposto específico para manter uma TV pública de qualidade. Assim, com uma contribuição diária de 12 centavos de libras por domicílio, o governo inglês arrecada o equivalente a R\$ 12 bilhões por ano – a emissora britânica não é referência mundial de qualidade por acaso. Seria demagogia afirmar que dinheiro não é problema para uma produção condizente com o papel da TV pública. Mas os desafios a serem enfrentados estão além da questão do financiamento. No Brasil, um decreto de março deste ano autorizou as televisões educativas a receberem recursos da iniciativa privada e a veicularem publicidade. Resta saber como as redes públicas, país afora, irão lidar com a nova lei, como conseguirão marcar território numa audiência acirradamente disputada pelas emissoras comerciais e como vão encarar sua missão de veicular uma programação que privilegie a cidadania e não o mercado ou a auto-suficiência.

responsabilidade de todos



Antes de mais nada, é preciso saber com clareza em que consiste a TV pública. Este conceito costuma ser aplicado às emissoras de cunho educativo, mantidas basicamente por dinheiro de impostos repassados pelo poder público¹. Existem diferentes formas de organização de uma TV mantida pelo Estado. O diretor de programação da TV Cultura, Mauro Garcia, observa que uma TV estatal não pode ser confundida com uma TV educativa. “A Radiobrás, a TV Câmara, a TV Alerj e outras são exemplos de emissoras estatais que representam os poderes do Estado. Uma TV educativa não pode nunca ser estatal”, diz ele. Mas ainda há emissoras que parecem não se enquadrar em qualquer das duas categorias – estatal ou educativa/pública – nem tampouco ser consideradas como TV comercial.

TEXTO

HUGO R. C. SOUZA

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

O governo dos Estados Unidos, por exemplo, transmite para Cuba uma programação cujo conteúdo é hostil à política do governo de Fidel Castro, através da TV Martí, mantida na Flórida com orçamento público de US\$ 26 milhões anuais. Já o governo da Venezuela, com o apoio da Argentina, Cuba e Uruguai, fundou a TV Sul, que foi ao ar em 24 de setembro último. A proposta é formar uma rede pública latino-americana para estabelecer um contraponto ao domínio das produções midiáticas norte-americanas na região.

Esses são dois exemplos de emissoras mantidas com verbas públicas e que assumem papéis específicos na geopolítica mundial. Algo bem diferente da TVE brasileira, que tem muito pouco a ver com a BBC de Londres, que por sua vez se parece muito pouco com a RAI italiana, que está longe de ser a RTP portuguesa, que guarda pouquíssima semelhança com a PBS norte-americana, cujo escopo não é exatamente o mesmo da MULTIRIO carioca².

Mas todas essas TVs públicas estão sempre mergulhadas em questões que dizem respeito

¹ “Desenvolver programas educacionais, culturais e informativos, com o uso de sistemas integrados de rádio, de televisão e de novas tecnologias, mobilizando uma rede nacional de parcerias qualificadas e comprometidas com o acesso democrático à informação, com vistas à ampliação de conhecimentos, à educação e ao exercício pleno da cidadania.” (Missão da TVE)

² A MULTIRIO é uma produtora de mídia (programas de televisão, internet e mídia impressa) direcionada a professores e alunos da Rede Municipal de Ensino do Rio de Janeiro, suas famílias e comunidades, produzindo com eles e para eles. É parte de uma política pública de educação desenvolvida pela prefeitura da cidade do Rio de Janeiro. A MULTIRIO não pode ser considerada emissora pública, mas uma produtora financiada com verba destinada à educação, que veicula sua produção audiovisual através da compra de horários na programação da TV comercial.

A produção de desenhos animados junto com alunos de escolas municipais é uma ação da MULTIRIO



A MULTIRIO abre seu espaço para alunos e professores da Rede conhecerem os diferentes profissionais que produzem os programas de TV



à sua própria razão de ser. Entre os desafios a serem enfrentados, estão os meios de financiamento, a relação entre as intenções e a produção na prática, o objetivo de seguir o fio condutor da educação e o de cumprir a nem sempre fácil obrigação de não servir aos governantes. Mas, acima de tudo, talvez a pergunta a ser feita por governantes e público seja um pouco mais complexa: qual o papel das emissoras públicas no contexto de uma audiência dominada pelas produções das emissoras privadas?³

Contexto brasileiro – A primeira emissora educativa a surgir no Brasil foi a TV Universitária de Pernambuco, cuja programação foi ao ar em 1967. Em 1974 já existiam mais nove emissoras com programações que se caracterizavam por um conteúdo educativo-pedagógico, incluindo a TVE do Rio de Janeiro. A própria TVE – à época denominada Fundação Centro Brasileiro de TV Educativa – foi pioneira quando em 1978 tentou articular um sistema integrado nacional de emissoras educativas. Mas o maior êxito que a idéia alcançou foi a transmissão dos jogos da Copa do Mundo daquele ano.

O Sistema Nacional de Radiodifusão Educativa foi criado em 1979 e recebeu respaldo legal em 1982. Novamente a TVE do Rio de Janeiro esteve à frente do processo por ser a única emissora com acesso ao satélite. Em 1993 a TV Cultura de São Paulo passou utilizar o mesmo acesso e a gerar programação para todo o território nacional. Foi o momento de consolidação das duas emissoras como as duas grandes TVs públicas do Brasil. Uma lei de 1998

abriu o leque de concessões e em 2002 já havia 119 novas outorgas concedidas pelo Ministério das Comunicações.

Mauro Garcia lembra que a televisão pública no Brasil nasceu comercial, ao contrário TV na Europa, por exemplo, que já nasceu pública. Por isso, segundo ele, “toda a lógica da TV brasileira tem a ver com essa lógica comercial dos anos 50 e nosso entendimento sobre televisão é todo baseado nessa idéia”.⁴

A maior parte das emissoras educativas e culturais brasileiras foi criada nas três últimas décadas. Um período que coincide com a redemocratização do nosso país. Elas vêm se organizando de acordo com as especificidades do país e de suas demandas.

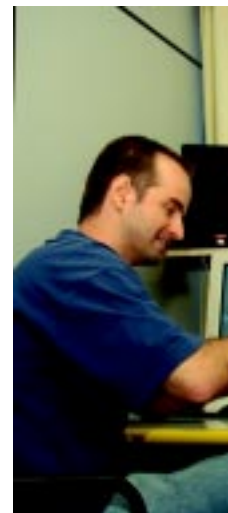
Em depoimento ao programa *Encontros com a mídia*, da MULTIRIO, Jorge da Cunha Lima, presidente da Associação Brasileira das Emissoras Públicas, Educativas e Culturais (Abepec), ►

³ “Qualidade e audiência não são incompatíveis. Pelo contrário: qualidade e alta audiência devem ser complementares”. (Patricia Politzer)

⁴ “O jornalismo público se destina a defender os direitos do cidadão, acima de tudo. Ele não segue critérios comerciais, como o diálogo com o consumidor. Muito do jornalismo comercial confunde diálogo com o cidadão com diálogo com o consumidor. A informação é premissa para a construção da cidadania. O desafio é muito grande, porque no Brasil a noção de televisão é a noção de televisão comercial”. (Eugenio Bucci)

SAIBA MAIS

Sites com informações sobre TV pública no Brasil:
www.abepec.com.br
www.tvebrasil.com.br
www.tvcultura.com.br
www.multirio.rj.gov.br
www.bbcbrasil.com.br



Por uma TV voltada à educação e à cultura

“(…) A televisão – que ocupa cotidianamente a atenção de milhões de pessoas no mundo – está influenciando, dia a dia, em nossa visão do mundo, em nossas pautas culturais e na constituição do tecido social do planeta. O atual processo de globalização e de desenvolvimento tecnológico que vivemos está aumentando esta influência. Todo o planeta parece ter-se convertido, do ponto-de-vista da TV, em um mercado único. A concentração da propriedade da indústria da TV aumentou; e o processo de mercantilização da programação televisiva, e com ele o da cultura – com os riscos que comporta –, parece avançar. Mas, precisamente neste contexto, convém chamar atenção sobre um fato fundamental: a TV, como meio de comunicação, tem tal importância para a humanidade que seu desenvolvimento não pode ser confiado exclusivamente à sorte do mercado ou aos avatares tecnológicos. Por isto se faz necessário, hoje em dia mais do que nunca, criar condições efetivas para que este meio poderoso que é a TV contribua, autêntica e ativamente, para a realização dos valores essenciais da humanidade. A função educativo-cultural da TV, e por consequência a chamada televisão educativa, encontra, exatamente nestas circunstâncias, a sua razão de ser e a sua autêntica função deve ser reivindicada. Consciente disto, a Associação Internacional de Televisão Educativa e do Descobrimto [Aited] – que reúne a grande maioria de redes de televisão dedicadas à educação e à cultura – assumiu o objetivo de promover um debate que estimule, em todo o mundo, a tomada de consciência sobre a necessidade de promover e desenvolver a TV educativo-cultural em suas mais variadas formas como um valor estratégico essencial ao progresso da humanidade. A Aited quer chamar para a mobilização cívica todas as pessoas, grupos, organizações, empresas e instituições que se sintam solidárias com este objetivo de desenvolvimento da TV educativo-cultural. Para tanto, a Aited convoca a participar desta tomada de consciência, convidando a subscrever o presente manifesto como um instrumento inicial para contribuir com a decisiva tarefa de colocar a televisão a serviço dos valores da educação, da cultura e da convivência.” (Trecho do manifesto “Por uma televisão para a Educação e a Cultura”, da Aited)

afirmou que a Constituição brasileira é a única no mundo a fazer distinção entre TV estatal, TV pública e TV comercial, ainda que esses preceitos careçam de regulamentação, pois a radiodifusão brasileira ainda vive “sob o guarda-chuva de uma lei feita nos anos de ditadura, pela ditadura e para a ditadura”.

Hoje, a responsabilidade pública que essas TVs trazem consigo passa pelo compromisso de não aderir às regras da audiência mercadológica, que são predominantes na sociedade, ou de não ceder a eventuais interesses político-partidários, sob pena de comprometer a qualidade alcançada até aqui, e que ainda precisa de um certo aprimoramento.

Sala de aula – A idéia de que a TV exerce influência decisiva na formação dos jovens parece ser ponto pacífico para educadores e estudiosos preocupados com o futuro da cidadania. Diante de uma qualidade da TV comercial cada vez mais questionada, a TV pública pode significar um contraponto à programação balizada pela disputa de audiência, estimulando o olhar crítico da criança e do adolescente sobre as produções audiovisuais.

A programação da TV comercial é produzida basicamente segundo a lógica de mercado, com vistas ao mercado publicitário. Os canais comerciais de TV são concessões públicas e a Constituição federal prevê que suas programações devem ser voltadas à cultura e à educação e devem



considerar os diferentes costumes regionais. Mas o que se observa na prática, com frequência, é uma produção voltada à conquista de audiência, que vem desaguando na banalização do sexo, da violência e dos valores, sempre com o argumento de “dar ao público o que o público quer”. É uma área delicada para a atuação regulatória do Estado, não raro acusado de censura e intervenção na liberdade de expressão. Ainda assim, existem iniciativas do poder público no sentido de oferecer uma resistência a essa baixa qualidade da programação. Os esforços do Ministério da Justiça para a elaboração de uma nova classificação indicativa para os programas de televisão e da Comissão de Direitos Humanos do Senado por uma programação de qualidade na TV culminaram com a campanha “Quem Financia a Baixaria é Contra a Cidadania”.

Ter um ponto de vista crítico é uma missão dos educadores e jornalistas voltados à produção da TV pública. E não apenas deles. Vivemos uma época que já foi chamada por vários estudiosos de “Idade Mídia”, e tendo em vista a centralidade do audiovisual nos debates públicos e na produção de sentidos para a vida, a sala de aula precisa interagir com essa certeza; precisa dialogar com essas emissoras públicas⁵ – e também com as comerciais – dentro, é claro, ►

⁵ “O fato de a televisão comercial ter audiência não significa que ela deve dominar. Ela tem audiência, mas a TV pública pode ter o comando das idéias”. (Alberto Dines)

Primeiro canal para crianças

Lançado em 2004 pela TV Cultura de São Paulo, a TV Ra-Tim-Bum tem o mérito de ser o primeiro canal de televisão do Brasil voltado ao público de dois a 10 anos de idade, ainda que seu acesso seja restrito a assinantes de TV a cabo. São 24 horas de programação com desenhos animados nacionais, teledramaturgia e programas educativos. Além disso, a TV Ra-Tim-Bum reservou duas horas diárias de sua programação para conteúdo direcionado a pais, educadores e demais profissionais que lidam com o público infantil. Os programas são veiculados com quatro módulos de quatro horas que se repetem ao longo do dia. Para atrair a atenção da garotada, a equipe de produção da TV Ra-Tim-Bum não poupou esforços: digitalizou e remasterizou todo o acervo infantil da TV Cultura. “Além disso, fizemos um grande estudo de como o canal seria apresentado e formatado. Decidimos que toda programação será apresentada por bonecos, ou melhor, pelos bichos Rá (um tatu) Tim (um passarinho) e Bum (um bicho-preguiça)”, informa Mauro Garcia (foto).



dos limites de suas possibilidades e, principalmente, de sua área de atuação. Sugerir programas aos alunos, discuti-los no espaço da escola, apresentar demandas às emissoras e mesmo apresentar aos estudantes noções sobre a importância das iniciativas públicas numa sociedade de mercado podem ser ações importantes para a formação de cidadãos receptivos a uma produção cultural voltada à diversidade de olhares e abordagens sobre os grandes temas ou sobre a vida comum. Um papel tanto de professores como de profissionais de emissoras públicas – um papel comum a todos os envolvidos

com políticas públicas, este conceito que as forças de mercado tentam relegar a segundo plano. Mauro Garcia ressalta um papel importante que as TVs públicas vêm desempenhando: diante da redução da programação direcionada à criança nas emissoras comerciais, redes públicas de televisão têm ocupado suas grades de programação com produções voltadas para o público infantil.

Simbolismo - Em 2002, o jornalista português Carlos Fino conseguiu um furo de reportagem mundial: foi o primeiro repórter a anunciar ao

Ministério da Justiça regulamenta classificação indicativa

FÁBIO ARANHA E DIANA PAULA DE SOUZA

Oferecer a pais, educadores e à sociedade em geral um instrumento que possibilite a escolha adequada das produções audiovisuais (programas de televisão, filmes e jogos eletrônicos) para crianças e adolescentes. Esse é o objetivo da classificação indicativa. Em março de 2006, o Ministério da Justiça (MJ) promulgará um decreto regulamentando a classificação de programas de televisão. A equipe de José Eduardo Elias Romão, diretor do Departamento de Justiça, Classificação, Títulos e Qualificação, órgão subordinado à Secretaria Nacional de Justiça do MJ, promoveu audiências públicas em seis estados para discutir com a sociedade os critérios utilizados para definir o conteúdo da lei. O assunto – tema da matéria de capa da edição nº. 32 de NÓS DA ESCOLA – também foi debatido durante o 1º Encontro Internacional de Mídia (Rio Mídia), promovido pela MULTIRIO no Planetário da Gávea, entre os dias 7 e 9 de dezembro.

A classificação indicativa estabelece as faixas etárias e os horários recomendados para a exibição dos programas televisivos baseando-se em dois critérios: a existência de cenas de violência e de sexo. As faixas utilizadas hoje vão dos programas livres aos adequados para 10, 12, 14, 16 e 18 anos. O decreto do

Ministério da Justiça estabelecerá novos paradigmas para a classificação, além de uma padronização que terá de ser cumprida por todos os canais de televisão, tanto da TV aberta, quanto dos canais por assinatura.

“A finalidade é fazer desse procedimento uma forma de participação da sociedade, de mobilização e formação de cidadania. A classificação indicativa é um mecanismo de equilíbrio entre dois princípios da Constituição: a liberdade de expressão e o dever de proteção à criança e ao adolescente”, explica Romão.

O processo de classificação tem três etapas. A primeira, qualificada como descrição fática, é uma análise descritiva e figurativa do conteúdo do programa. A fase seguinte, descrição temática, envolve a percepção do significado da violência e do sexo em determinados contextos. Finalmente, na etapa de gradação, há uma associação das descrições anteriores à faixa etária e ao horário de exibição adequados. “O que nós buscamos é produzir um diálogo com os diferentes atores sociais. A partir disso, tentamos produzir discussões temáticas. É um processo falível, mas quanto maior a participação, maior a probabilidade de a classificação ser efetiva”, ressalta Romão.

mundo o começo da guerra no Iraque. Na época, Fino trabalhava para a RTP, a emissora pública líder de audiência em Portugal. Uma rede pública de televisão conseguir passar à frente das grandes agências de notícias e emissoras privadas internacionais é um feito sem igual. Da mesma forma a MULTIRIO, que acumula prêmios nacionais e internacionais para suas produções de TV, assim como a TVE e TV Cultura.

Nos 10 anos de atividade, a MULTIRIO teve suas produções agraciadas com prêmios importantes como o Anima Mundi; Festival Internacional

de Animação de Ottawa, Canadá; Festival Internacional de Televisão Infantil Prix Jeunesse; Festival Nuema Mirada de Buenos Aires, Argentina; Festival Guarnicê de São Luiz, Maranhão; entre outros.

São fatos como esses que devem ser encarados como de grande importância simbólica, principalmente diante do processo de desqualificação de tudo o que é público, movido pelos arautos da “mão invisível do mercado”, que promete tudo resolver e tudo fazer melhor – no caso, entretenimento, notícia e educação. ■

por faixa etária

O departamento também promoveu uma consulta pública, concluída no dia 15 de dezembro, sobre o conteúdo do decreto. Um questionário com 10 perguntas foi distribuído nos debates, nas audiências, em escolas, e reprodzido no *site* do Ministério da Justiça sobre como deve ser feita a classificação indicativa. Mais de 13 mil pessoas participaram com sugestões. Em meados de janeiro, os resultados finais com sugestões serão

divulgados. Além dos programas de TV, a classificação envolve também outros produtos audiovisuais, como filmes, vídeo, DVDs, jogos eletrônicos, de RPG, peças teatrais e espetáculos de entretenimento em locais públicos. Após a publicação do decreto que regulamenta a classificação por faixas etárias para a televisão, o Ministério pretende reformular a regulamentação destas outras mídias.

José Romão explicou o processo de consulta pública sobre classificação indicativa ao público do 1º Encontro Internacional Rio Mídia



Convivendo com as diferenças

O papel da escola é fundamental no combate aos preconceitos e à homofobia

É na adolescência que meninos e meninas começam a conceber suas vidas em separado dos pais. Fase de questionamento de conceitos e afirmação de personalidades, é marcada por medos, conflitos e angústias. Entre as muitas novidades a serem assimiladas e posturas a serem assumidas, a definição da sexualidade é uma das mais difíceis. Se o adolescente se descobre diferente do modelo que a sociedade apresenta como padrão ou simplesmente tem dúvidas sobre a própria orientação sexual, a situação fica ainda mais complicada. A escola, espaço onde muitos vivenciam suas primeiras experiências em grupo longe da proteção do ambiente familiar, não pode ficar fora desta discussão¹.

Crianças e adolescentes são vítimas constantes da mordacidade de seus colegas, que não perdoam distinções como obesidade, uso de óculos, magreza excessiva, gagueira ou cabelos crespos. Qualquer sinal que denote um possível desvio na orientação sexual tida como regular não demora a engrossar o rol das piadinhas. “Os meninos homossexuais, por exemplo, têm um lado mais sensível, introspectivo, gostam de coisas diferentes. As crianças são sacadoras e fazem piadas mesmo. Isso vai construindo um menino com dificuldades em lidar com a própria sexualidade”, avalia a antropóloga clínica e terapeuta Ana Maria Ribeiro².

O preconceito e o medo da reação de pais, amigos e familiares são aspectos que mul-

tiplicam os conflitos dos adolescentes homossexuais. Mergulhados em dúvidas, muitos preferem permanecer calados, reprimindo os próprios sentimentos e se perguntando por que não são iguais aos outros. “As dúvidas giram entre ‘Será que sou isso mesmo?’ e ‘Será que vão me aceitar ou me agredir, reprimir, se afastar de mim, me expulsar de casa...?’”, exemplifica Deco Ribeiro, filho de Ana Maria e fundador do grupo E-jovem³. Aos professores, cabe não apenas coibir qualquer tipo de preconceito no ambiente escolar como, acima de tudo, promover um espaço para o debate e o entendimento das diversidades, mostrando que ser diferente é normal.

Educar para as diferenças – Muitos professores, no entanto, não sabem como abordar o tema em sala de aula. Para a dra. Maria de Fátima Goulart Coutinho, gerente do Programa de Saúde do Adolescente da Secretaria Municipal de Saúde (SMS), o ideal é trabalhar o homossexualismo no debate sobre as diferenças, ampliando a reflexão. “Nossa linha de trabalho envolve as diferenças como um todo. É preciso falar de etnia, relações de poder, distinções de gênero e também da opção sexual”, opina. Assim, um bom começo pode ser a adoção de uma postura crítica em relação aos diversos modelos hegemônicos impostos pela vida em sociedade – de família, de masculinidades e feminilidades, de cultura, de sexualidade etc. “Um projeto pedagógico que vise erradicar a homofobia deve fomentar um diálogo que promova o reconhecimento dos diversos grupos sociais e manifestações culturais e

TEXTO

RENATA PETROCELLI

IMAGENS

REPRODUÇÃO DO EPISÓDIO

CADA UM NA SUA DA SÉRIE

PRESENTE DO FUTURO

¹ O homossexualismo é tema do programa nº 6 da série *Presente do futuro*, intitulado “Cada um na sua”.

² Ana Maria é mãe de um homossexual e fundou o Afagho (Apoio a Familiares e Grupos de Homossexuais). O grupo existe desde 2002 e funciona em Campinas, oferecendo suporte terapêutico e de diálogo para pais desestabilizados com a descoberta de que os filhos são homossexuais.

³ Criado em 2001 como um *site* dedicado ao diálogo entre jovens homossexuais (www.e-jovem.com), o E-jovem se transformou em entidade e atualmente promove reuniões semanais nas cidades de São Paulo, Campinas, Guarulhos, Santos, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre, Brasília, Fortaleza, Recife, Salvador, Cruz Alta (RS) e Altamira (PA).



o respeito à diversidade”, confirma Vera Simonetti, diretora da organização não-governamental Ecos (Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana).

Com atuação em São Paulo, a Ecos desenvolve o programa Diversidade Sexual na Escola: Novas Práticas Educativas sobre Sexualidade e Cidadania – Formação de Educadores. Voltado a professores da rede pública, o programa oferece informações sobre diversidade sexual para que eles revejam suas próprias opiniões sobre a homossexualidade e colaborem para a erradicação do preconceito no ambiente escolar.

A falta de recursos didáticos sobre o tema foi uma das dificuldades encontradas pela Ecos. Daí a idéia de transformar a experiência em livro. Sob o título *Diversidade sexual na escola: uma metodologia de trabalho com adolescentes e jovens*, o trabalho aborda a sexualidade sob a ótica da diversidade sexual, a desconstrução de mitos, questões referentes aos transgêneros e o processo educativo como relação afetiva. “Há uma carência enorme no Brasil de recursos que abordem a diversidade sexual, mais ainda

numa perspectiva de valorização da dignidade humana e de enfrentamento dos preconceitos. Não há material para subsidiar a atuação do professor em sala de aula”, constata Vera.

Seja qual for o caminho encontrado, o importante é que o assunto esteja na pauta das escolas. Abrir espaço para o debate é o objetivo do programa Escola Jovem, desenvolvido pelo E-jovem. Elaborado para ►

Para começo de conversa

Os professores que tiverem interesse em obter cópias dos sete programas da série *Presente do futuro* devem entrar em contato com a Ouvidoria da Multirio (2528-8282).

Além de “Cada um na sua”, os demais programas são:

- **Diga não!** – A influência do tráfico de drogas na vida dos alunos e no cotidiano das escolas públicas.
- **Sem fronteiras** – Retrata o preconceito sofrido por alunos oriundos de diferentes regiões brasileiras, notadamente do Nordeste.
- **Menino ou menina** – Os problemas e conflitos relacionados à gravidez na adolescência.
- **Sob medida** – Lança um olhar sobre a obesidade, a anorexia e os problemas de saúde e sua relação com a aparência.
- **Tudo a seu tempo** – Sobre o trabalho infantil e a exploração das crianças.
- **Dia de prova** – Trata das dificuldades de alunos nas turmas de transição da 4ª para a 5ª série e dos desafios que precisam ser vencidos por alunos, suas famílias e professores em diferentes segmentos.



um período de três anos, consiste em um plano de ações a serem desenvolvidas no ambiente escolar, envolvendo professores, funcionários, alunos e pais em atividades como palestras, bate-papo, teatro, vídeo e formação de grupos e de multiplicadores. “A conversa faz os jovens conhecerem mais a realidade uns dos outros, além de ajudar na convivência na escola e dentro de casa”, explica Deco Ribeiro.

Cidadania e direitos humanos – Ter suas opções e particularidades respeitadas é direito de qualquer ser humano. Como espaço onde pessoas em processo de desenvolvimento físico, intelectual, moral e emocional convivem horas seguidas diariamente, a escola é lugar ideal para a construção de novas práticas e atitudes. A derrubada de estereótipos e o combate aos preconceitos são tarefas às quais os professores devem dedicar boa parte de seus esforços. Afinal, é papel da educação libertar o homem e ampliar seus horizontes.

Pais e professores devem ser suportes para o jovem homossexual, e não um temor a mais. Se há dúvidas, conflitos e questionamentos, são eles os interlocutores mais apropriados. Uma orientação sexual diferente daquela que a sociedade trata como regular só vai deixar de ser motivo de angústia quando o assunto for tratado de modo claro, objetivo e sem subterfúgios. “É importante que pais e professores se desangustiem, funcionem como pilares. A identificação da diferença deixa de ser problema se o modelo a ser identificado tem aspectos positivos também”, conclui a Ana Maria. ■

Infância em movimento



Com seu projeto, a professora Amália Araújo conquistou o 1º lugar na Mostra Século XX1 deste ano

Fãs de histórias em quadrinhos e desenhos animados como a maioria das crianças, os alunos da turma 1301 do Ciep Presidente Agostinho Neto, no Humaitá, jamais imaginaram que pudessem sair do papel de leitores e espectadores. Viver os bastidores de seus passatempos prediletos, no entanto, passou de ficção a realidade com o projeto Ser Criança, desenvolvido pela professora Amália Maria Mattos de Araújo. No ano final do ciclo, com idades entre oito e nove anos, as crianças experimentaram todas as etapas da produção de um desenho animado – da criação do roteiro à gravação do áudio. E já sabem até o que é ter um trabalho premiado. O projeto, que culminou com a produção do desenho animado de mesmo nome, com 72s de duração, ficou em primeiro lugar na III Mostra Trocando Idéias com o Século XX1, promovida pela MULTIRIO¹.

Tudo começou como uma brincadeira – mas levada muito a sério. Preocupada com o histórico de violência vivido pelos alunos da turma, formada por moradores das comunidades da Rocinha, Vidigal, Dona Marta e Ladeira Tabajara, Amália resolveu investir no resgate da infância e de passatempos que exigem pouco mais que animação e criatividade. “Alguns estavam agressivos, outros, medrosos, e todos falavam com muita naturalidade dos episódios de violência, chegando até a fazer piadas. A maioria não brinca mais na vizinhança, fica trancada o dia inteiro. Eles não soltam pipa, não brincam com pião ou bola de gude”, explica a professora. ►

TEXTO

RENATA PETROCELLI

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

¹ Realizada entre os dias 10 e 18 de novembro, a III Mostra Trocando Idéias com o Século XX1 apresentou, além de projetos educativos com uso e produção de mídia, debates sobre a internet, palestras de educadores e encontro de alunos monitores dos laboratórios de informática das escolas municipais. Leia matéria sobre a Mostra na seção Século XX1 desta edição.

Aprender brincando – O primeiro passo foi entrevistar pais e responsáveis sobre a sua infância, como viviam e de que brincavam. Dai o trabalho evoluiu para a pesquisa sobre jogos e brincadeiras em livros e na internet. Descobertas a origem e as regras de cada um, os alunos passaram a produzi-los com sucata. Brincar com jogos pouco conhecidos das crianças de hoje, como mancala, tamgram² e jogo da velha em três dimensões, passou a fazer parte do programa diário da turma. Em paralelo à diversão, a professora ia propondo reflexões conceituais, noções e conteúdos de português (leitura, interpretação e escrita de textos sobre os jogos), matemática (medidas, quantidades, operações utilizadas nas contagens de pontos), história e geografia (origem dos jogos, países onde se difundiram). “O melhor de tudo foi trazer vida para dentro da escola. Os conceitos não podem se constituir de forma crua, têm de estar associados às coisas que acontecem”, ressalta Amália.

O envolvimento foi tão grande que a turma resolveu fazer um livrinho com a história dos jogos, suas regras e as instruções para produzi-los com material a que toda criança pode ter acesso. Por enquanto, o trabalho está em forma de xerox encadernada, mas Amália já recorreu ao projeto Abrace um Aluno Escritor³ para mandá-lo a uma gráfica. Os alunos mal podem esperar o dia do lançamento, com direito à exibição do desenho animado *Ser criança* para os pais e outros alunos e professores da escola. “Quando é que a gen-

²A mancala é um jogo de tabuleiro milenar que exercita o raciocínio lógico e matemático. No Egito antigo simbolizava as épocas da plantação e da colheita. A movimentação das peças reproduz exatamente essa simbologia. Cada jogador é obrigado a recolher sementes e com elas semear tanto as suas casas no tabuleiro como as casas do adversário. Num dado momento, cada jogador colhe as sementes, que passam a ser suas. Ganha quem tiver mais sementes no final do jogo. Já o tangram é uma espécie de quebra-cabeça oriental, constituído de sete figuras geométricas: cinco triângulos de tamanhos diferentes, um quadrado e um paralelogramo. O objetivo é construir diferentes formas usando as sete peças.

³Desde 2002, o projeto Abrace um Aluno Escritor incentiva os estudantes da rede municipal a estreitarem seu contato com os livros, passando de leitores a produtores de textos. Cerca de 2 mil alunos do ensino fundamental, incluindo a educação infantil, já participaram, tornando-se autores de livros produzidos em grupo nas salas de aula. Os professores interessados podem contatar os coordenadores do projeto pelo e-mail multieducacao@aol.com.

te vai dar autógrafo?”, pergunta, ansioso, Felipe da Silva Moreira, de nove anos.

A produção do desenho foi uma evolução natural do projeto. Concluído o livro, Amália perguntou aos alunos o que mais eles gostavam de fazer. Ao ouvir a resposta, descobriu um grande canal de comunicação com as crianças. “Sou apaixonada por desenho animado e histórias em quadrinhos. É o terceiro ano em que trabalho com animação aqui na escola”, revela a professora. A paixão motivou estudo, pesquisa e, pouco a pouco, Amália vem aprimorando suas incursões ao mundo da animação, sempre com a participação de seus alunos. Este ano, por exemplo, conseguiu pela primeira vez incluir áudio na animação produzida na escola. Também experimentou a sensação de se transformar em multiplicadora, promovendo, a convite da 2ª CRE, uma oficina de animação para outros professores. Em 10 encontros, realizados na própria escola, Amália dividiu experiências e mostrou aos colegas que é preciso pouco mais que boa vontade e curiosidade para criar pequenas animações.

Imagens em movimento – O trabalho com as crianças começou com a produção de brinquedos óticos, que simulam o movimento pela justaposição de imagens, tais como taumatrópios, kinemastoscópios e fenacistoscópios. Apesar dos nomes complicados, tudo o que os alu-



nos precisaram usar foi papel, lápis de cor, varetas, cola e tesoura, além, é claro, de muita criatividade. “Eles começaram a perceber que animação não precisa ser feita só no computador. E entenderam a decomposição do movimento”, explica Amália.

Dai em diante, a turma não parou mais. Foram realizadas experiências com desenhos feitos à mão, *scanner* e vários *softwares* gratuitos, com temas como o futebol ou os próprios alunos. Eles também produziram tiras de histórias em quadrinhos, à mão e com ajuda do computador. A criação de *Ser criança*, no entanto, é o grande xodó da turma. Todos se orgulham de ter participado de cada etapa do processo, que começou com a montagem de um pequeno roteiro. Os alunos enumeraram pontos positivos e negativos da infância – de um lado, a possibilidade de brincar, estudar e fazer amigos e, de outro, a violência doméstica e a necessidade de ficar sozinho em casa quando os pais saem para trabalhar. Em conjunto, decidiram que a parte ruim teria de ser apresentada primeiro. “Eles disseram que história boa tem final feliz”, diverte-se Amália⁴.

Criada a história, que mostra um menino apanhando do pai, uma menina chorando por ter de ficar sozinha em casa e depois os dois animados, brincando e indo para a escola, os personagens foram confeccionados em massinha, com armações de arame. “Meu grupo fez a menina que chora. Foi ótimo, eu achava que só desenhista fazia desenho animado”, conta, orgulhosa, Kassiane Moura de



Abreu, de nove anos. Com cartolina e giz de cera, os alunos produziram também dois cenários: o morro e a escola. Depois, fotografaram a história quadro a quadro e montaram tudo no computador⁵. Gravaram as vozes dos personagens e criaram até uma trilha sonora, composta por vozes de toda a turma, que reproduz a batida do *rap*. A idéia foi de Igor Alexandre Napoleão dos Santos Ferreira, de nove anos, que frequenta escolas de samba e toca repique desde os seis. “Não foi muito fácil ensinar para os outros, mas ficou bom, combinou com o desenho”, comemora.

No final do trabalho, Amália ainda preparou uma surpresa para as crianças, gravando *Ser criança* em VCD. Acostumados a acompanhar a evolução do desenho pelo computador, eles não contiveram a alegria ao ver a produção na TV. E com os nomes de cada um deles nos créditos. “Para eles, desenho animado passa na TV, não no computador. Eles davam pulos de alegria, batiam palmas o tempo todo, pediram para ver 10, 15 vezes”, lembra. Emoção parecida só mesmo quando a professora anunciou que o projeto tinha ficado com o primeiro lugar na III Mostra Trocando Ideias com o Século XX1. “Estas iniciativas são importantes porque valorizam o trabalho deles, elevam a autoestima e dão uma alegria enorme”, conclui Amália, satisfeita. ■

⁴ Desde 2002, MULTIRIO desenvolve o projeto Carta Animada pela Paz, um manifesto de crianças e jovens conclamando à paz no mundo e ao respeito à infância e juventude. O objetivo é levar às escolas da Rede a técnica e a linguagem da animação e permitir a crianças e jovens a possibilidade de criar suas próprias histórias com o acompanhamento de profissionais especializados durante todas as fases do processo.

⁵ A técnica que foi utilizada pela professora é conhecida como *stop motion* e trabalha com modelos reais em diversos tipos de material, sendo a massa de modelar o mais comum. Movimentados, os modelos são fotografados quadro a quadro. Os quadros são posteriormente montados em uma película cinematográfica, criando a impressão de movimento.

Mídia de qualidade na 4ª CRE

Professores, pais e alunos têm um motivo a mais para ir até a 4ª CRE... e ficar. Desde setembro a coordenadoria está disponibilizando acesso à mídia de qualidade no Espaço CRE-Connect – De Olho na Rede da Educação. São dois ambientes: um com televisão e vídeo, que transmite a programação da MULTIRIO, e outro com computador conectado à internet, onde os usuários podem navegar no portal da produtora, no *site* Século XXI e em outros *sites* ligados à educação. O ambiente de TV e vídeo está no *hall* de entrada do primeiro andar do prédio, que fica situado na Estrada dos Maracajás, nº 1294, na Ilha do Governador. O espaço virtual está no segundo.

O lugar é concorrido. Somente no mês de fevereiro de 2005, cerca de mil pessoas, entre crianças e pais de alunos, estiveram no prédio para buscar informações e fazer matrícula. “Precisávamos reestruturar o espaço. Então, surgiu a idéia de ter ali um aparelho de TV e um outro de vídeo exibindo permanentemente os produtos que a MULTIRIO oferece. A iniciativa é um grande sucesso. Na hora do atendimento, as pessoas até nos pedem para esperar um pouco até terminarem de assistir aos programas. O mesmo pode ser dito dos estagiários, encaminhados pelos cursos de formação de professores das universidades. Eles usam o espaço e fazem anotações”, explica a coordenadora da 4ª CRE, Márcia Simões Mattos. Ela ressalta que o Espaço CRE-Connect serve também para a atualização do próprio servidor.

Além da TV e da internet, o espaço virtual do CRE-Connect está equipado com revisteiras onde podem ser encontradas a NÓS DA ESCOLA, produzida pela MULTIRIO, e a revista *Escola e Família*, editada pela Secretaria Municipal de Educação (SME). “A NÓS DA ESCOLA é fundamental. Temos uma demanda muito grande de pessoas que não são da Rede e pedem exemplares da revista ou querem saber como fazer uma assinatura. A MULTIRIO tem um acervo muito rico que deve ser explorado. Acreditamos no trabalho de levar uma mídia

de qualidade não só aos professores e alunos mas a toda a população”, afirma Márcia.

Leituras de mundo– Desde 2001 a 4ª CRE atua para promover o acesso à informação e à cultura. Tudo começou com a organização de um espaço literário para professores, alunos e demais frequentadores. No ano passado, foi criado um grupo de teatro. O espaço da coordenadoria é utilizado ainda para a realização de exposições mensais de trabalhos de alunos da educação infantil à 8ª série, além de trabalhos de alunos da educação de jovens e adultos. Na intranet, o boletim quinzenal da CRE divulga ilustrações e poemas, produzidos por alunos e professores. Uma caixa de sugestões recebe opiniões sobre outros recursos que poderiam ser disponibilizados na página. “Há um leque de linguagens com as quais podemos divulgar o trabalho que a escola pública faz. Temos que utilizar cada vez mais essas tecnologias. No ano que vem, queremos partir para um projeto embrionário de cursos a distância, capacitando diretores, coordenadores pedagógicos e professores”, frisa Márcia. A coordenadoria também promove a capacitação dos membros do conselho de alunos.

O uso da tecnologia vai além da pedagogia e permeia as questões administrativas. O protocolo da coordenadoria foi informatizado e, hoje, todos os processos podem ser consultados através de um sistema de leitura ótica, possibilitando maior rapidez no atendimento de solicitações de professores e fornecedores. Para Márcia, as novas mídias agregam valor à educação sem minimizar o papel do professor. “A escola não pode mais ser só uma carteira, um aluno sentado atrás do outro e um quadro de giz. Os alunos, por mais dificuldades financeiras que tenham, têm acesso a jogos eletrônicos, à internet e, principalmente, à televisão. A escola tem que formar um aluno que interaja com as mídias de forma crítica”, conclui a coordenadora. ■

TEXTO

FÁBIO ARANHA

Reinvenção de Shakespeare



O professor Antônio Veríssimo e os alunos Tiago Meireles, Wander Antônio e Acheson de Melo

Macbeth, Otelo, Romeu e Julieta? Já é! Ou há vida na escola é o trabalho vencedor do Prêmio Anísio Teixeira 2005 (ver box) na categoria Ação cultural na escola. De autoria do professor Antônio Veríssimo dos Santos Junior, da Escola Municipal Leonor Coelho Pereira, a monografia¹ analisa a experiência de adaptação das peças do dramaturgo inglês William Shakespeare pelo Grupo de Teatro da Laje. A trupe conta hoje com 23 pessoas, entre alunos, ex-alunos e jovens ligados à comunidade de Vila Cruzeiro, onde se localiza a escola.

A idéia surgiu de uma inquietação: por que as histórias de Shakespeare causam tanto fascínio nos alunos? Para Veríssimo, a obra do teatrólogo relaciona-se com universo desses jovens. É uma realidade que o professor caracteriza como política, de luta e disputa por espaços rigidamente demarcados. “Os temas que habitam o mundo dos alunos são reconhecidos nas peças de Shakespeare. Ele não pertencia à elite intelectual

de sua época. É o caráter popular de suas peças que o aproxima dos estudantes e de suas manifestações artísticas e culturais. Shakespeare era o teatrólogo mais amaldiçoado de sua época, pois violava as regras clássicas dessa arte. Sua ambição era se expressar livremente”.

Cruzeza e atrocidade – As montagens do grupo partem de um roteiro inicial criado por Antonio Veríssimo, que vai mudando na medida em que o trabalho avança. Segundo o professor, os diálogos nascem junto com a cena e são refeitos de acordo com as necessidades da peça. “Não há uma submissão excessiva ao texto, embora a gente não negue a importância da palavra e do roteiro. O teatro é interessante quando há uma boa história”, enfatiza.

Antonio Veríssimo questiona na pesquisa esse tipo de apropriação, defendendo a sua legitimidade. “Eu acredito que o formato não só é lícito, mas é por isso que Shakespeare permanece tão atual. É absurdo deixá-lo padecer como obra de museu, reverenciá-lo sem tentar recuperar o seu universo, sem observar o que ele nos diz hoje, aqui e agora. O que provoca algumas críticas é o fato de isso ter sido feito pelos alunos. Mas o criminoso é ►

TEXTO

DIANA DE PAULA E
CAROLINA BESSA

FOTO

ALBERTO JACOB FILHO

¹Baseada na dissertação de mestrado *Shakespeare e a reinvenção da escola ou a escola e a reinvenção de Shakespeare*, apresentada em 2004 pelo autor ao curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), que fala sobre as experiências realizadas em sala de aula pelos alunos da Escola Municipal Leonor Coelho Pereira.

SAIBA MAIS

Portal MULTIRIO
www.multirio.rj.gov.br

O bardo inglês

William Shakespeare é considerado um dos mais importantes escritores e dramaturgos de todos os tempos. Ele nasceu em 23 de abril de 1554, em uma pequena cidade inglesa chamada Stratford-on-Avon. Ali iniciou seus estudos e ali mesmo começou a desenvolver o gosto pela literatura. Em 1591, mudou-se para Londres, em busca de mais oportunidades na área cultural. Sua primeira peça, chamada *Comédia dos erros*, começou a ser escrita em 1590 e foi finalizada em quatro anos. Nessa época, escreveu cerca de 150 sonetos.

Mas foi na dramaturgia que o inglês se consagrou. Em 1594, entrou para a Companhia de Teatro de Lord Chamberlain, dono de um teatro em Londres. A Inglaterra era governada pela rainha Elisabeth I e passava por um momento de efervescência cultural e artística, tanto é que o teatro deste período ficou conhecido como elisabetano.

Shakespeare escreveu tragédias, comédias e dramas históricos e seus textos fizeram sucesso justamente por tratar de temas políticos, sociais, além de abordar aspectos do relacionamento afetivo e da condição humana.

Em 1610, com 56 anos de idade, o dramaturgo retornou à sua cidade natal, onde escreveu a última peça, *A tempestade*, terminada três anos depois. Morreu em 1616, de causa não identificada.

Entre as obras mais marcantes do escritor estão as tragédias *Romeu e Julieta*, *Macbeth*, *Hamlet* e *Otelo*. Além disso, há comédias imortalizadas como *Sonho de uma noite de verão*, *O mercador de Veneza* e *Megera domada*. Entre os dramas históricos destacam-se *Henrique IV*, *Henrique V* e *Henrique VIII*.

domesticar Shakespeare, e os jovens têm condições de recuperar sua crueza e atrocidade originais". E só conseguem isso porque são jovens de periferia de grandes centros urbanos que vivenciam em seu cotidiano situações tão cruas e dramáticas como as criadas pelo autor."Bourdieu disse que a posição periférica na sociedade desenvolve algum tipo de lucidez que força os sujeitos a enxergar coisas que outros não enxergam. É isso. Esses jovens têm autoridade como poucos para fazer uma leitura de Shakespeare que dê textura, carne e osso aos personagens", completa o professor.

Assim é que o clássico *Romeu e Julieta* se transportou da romântica Verona para os morros Montéquios (assim mesmo, aporuguesado) e Capuletos, dominados por facções rivais do tráfico. O resultado, como descreve o professor em sua dissertação de mestrado, foi "um espetáculo híbrido que misturava o ritmo descomprometido e dançante do *funk*, o *rap* politizado de MV Bill, com seu discurso radical e inflamado, a música erudita de Prokofiev e a trama de Shakespeare".

A versão de *Otelo* sugerida por uma aluna, e rapidamente acolhida pelos colegas, deu ao personagem principal os contornos de um chefe do tráfico de drogas, que escolheria Cássio como seu braço direito despertando então a inveja de Iago.

Macbeth, drama sobre a ambição pelo poder, ganhou versão ambientada em uma favela carioca. "Perguntei aos alunos se eles conheciam algum Macbeth (general escocês que levado pela ambição assassina o rei e se torna o novo monarca) e rapidamente eles disseram que no morro era o que mais havia", relembra Veríssimo. Foram feitos apenas alguns ajustes como a troca do nome de alguns personagens e a forma escolhida pelos alunos para a morte do rei: envenenado após comer churrasco com chumbinho.

Em todas as montagens os alunos participam do início ao fim, criando textos, cenário, figurino, iluminação, sonoplastia etc. E é esse envolvimento total deles com o processo teatral – e não apenas as conversas sobre a temática das peças, que surgem sempre, e o debate depois das apresentações com o público espectador (alunos da escola e muitas vezes habitantes da Vila Cruzeiro) – o que emociona Veríssimo.

São as soluções criativas para idéias originais do texto de Shakespeare ou criadas pelos próprios jovens, que não se intimidam diante das dificuldades, como ele descreve em um trecho de sua dissertação: "Produzir este primeiro trabalho (*Tieta, o ônibus que Jorge Amado nunca imaginou*) foi um exercício de paixão, abnegação e perseverança



dos que integram o grupo: na falta de *spotlights* para fazer iluminação do espetáculo, criaram-se *spotlatas*; papéis celofanes substituíram as gelatinas; os figurinos foram tirados dos guarda-roupas de cada um; o pai de um fez a instalação elétrica do equipamento de iluminação; o pai de outro emprestou as lonas que usa em seu ofício de vendedor ambulante para nos proteger da chuva; as cadeiras que acomodaram a platéia foram emprestadas ou trazidas de casa pelos próprios moradores... E foi assim, nesse regime de mutirão, que o grupo conseguiu reunir quase 100 pessoas para assistir ao espetáculo”.

E é assim que o professor Veríssimo e sua trupe conseguem mostrar Shakespeare em toda a sua grandeza e, mais do que isso, se comunicar através dele. ■

Os premiados

Os caminhos da educação no município do Rio de Janeiro – 30 anos de educação pública. Este foi o tema do Prêmio Anísio Teixeira de 2005. O concurso, promovido pelo Centro de Referência da Educação Pública (Crep) da Prefeitura, desde 2001, visa promover a reflexão sobre o ensino fundamental, estimulando a produção escrita e divulgando a ação teórica e prática dos professores municipais.

Foram 47 trabalhos inscritos em cinco campos temáticos: Ação cultural na escola; Tecnologia em educação; Educação infantil; Currículo; e Gestão. O resultado foi divulgado no dia 7 de novembro no *Diário Oficial* do município. Quatro trabalhos foram premiados com R\$5 mil e cinco indicados para publicação. A seguir, as categorias e os premiados:

Ação cultural na escola – *Macbeth, Otelo e Romeu e Julieta? Já é! Ou há vida na escola* foi o primeiro colocado na categoria. O trabalho foi escrito pelo professor Antonio Veríssimo dos Santos, da Escola Municipal Leonor Coelho Pereira.

Tecnologia em educação – A professora Ana Paula Pitta, da Escola Municipal Deputado Hilton Gama, é a autora da monografia *A importância da formação continuada de professores frente às resistências de utilização do computador na prática pedagógica*. A pesquisa foi a vencedora desse campo temático, que teve ainda três trabalhos indicados para publicação: *A possibilidade de se alfabetizar letrando por meio de hipertextos*, de Isabel Cristina Tavares Coelho, da Escola Municipal José do Patrocínio; *Educação, trabalho e tecnologia: desafios do 3º milênio*, de autoria da docente Mônica Normandia Marques, da Escola Municipal Presidente Médici; e *Video e computador, binômio a dinamizar o processo de ensino/aprendizagem de matemática no ensino fundamental*, realizado por Roberto Nogueira de Souza, que leciona na Escola Municipal Maria Florinda Paiva da Cruz.

Educação infantil – Nesta categoria, a premiação foi para o trabalho *O que há por trás dos brinquedos e brincadeiras*, da professora Elizete Marcolino dos Santos, da Escola Municipal Santa Francisca Xavier Cabrini. A monografia intitulada *As mudanças na educação infantil transformam o dia-a-dia do professor: novos caminhos e novas perspectivas*, escrita pela professora Rasania Vargas dos Santos, da Escola Municipal Almirante Frontim, foi indicada para publicação nessa área.

Currículo – A monografia premiada, *A construção de um currículo no caminho das artes cênicas*, é de autoria da professora da Diretoria de Educação Fundamental (DEF), Lêda Martins Aristides Fonseca. O trabalho indicado para publicação tem como título *A reformulação do currículo escolar em uma perspectiva interdisciplinar* e é da professora Roza Maria Palomares Ribeiro, da Escola Municipal Abraão Jabour.

Gestão – Embora nove trabalhos tenham sido inscritos nesse campo temático, nenhum foi premiado ou indicado para publicação.

Nossa célebre centenária

A eterna Princesinha do Mar faz história e 100 anos após a inauguração é conhecida em todo o mundo



TEXTO

CRISTINA CAMPOS

(JORNALISTA E PROFESSORA

DA REDE MUNICIPAL

DE ENSINO)

FOTOS

AUGUSTO MALTA

(ACERVO ARQUIVO DA CIDADE)

Um retrato em branco-e-preto das ondas do mar. Conhecido no mundo inteiro, o mosaico de pedras portuguesas que emoldura a Praia de Copacabana é um dos grandes símbolos do Rio de Janeiro. Inaugurada há 100 anos, quando o então afastado bairro começava a se integrar ao resto da cidade, a Avenida Atlântica é hoje ponto de badalação e grande lançadora de moda. Passarela para turistas das mais variadas nacionalidades, abriga duas fortificações militares, hotéis, bares, restaurantes, lojas e ilustres moradores da cidade, além do mais famoso *reveillon* do planeta.

A Avenida foi inaugurada no dia 4 de novembro de 1905, pelo prefeito Pereira Passos, que queria pavimentar a orla marítima que vai do Leme até o Forte de Copacabana, no Posto Seis. A obra só se tornou possível, no entanto, com a abertura do Túnel Alaor Prata, hoje conhecido como Túnel Velho, que criou a passagem entre as ruas Real Grandeza, em Botafogo, e Siqueira Campos, em Copacabana. Até então, o bairro era um local afastado da movimentação da cidade, abrigando poucos pescadores e escravos alforriados, que viviam em choupanas de sapê. Os únicos acessos eram por mar ou pela estrada que começava na Real Grandeza e subia a grota entre os morros de São João e da Saudade, atual Ladeira dos Tabajaras¹.

Inspiração européia

A arte dos mosaicos começou a ganhar o espaço urbano do Rio de Janeiro em meados do século XIX, quando a imperatriz Teresa Cristina, inspirada em mosaicos europeus, quebrou parte da porcelana da Casa Imperial para revestir bancos, fontes e paredes do Jardim das Princesas, na área externa do Palácio da Quinta da Boa Vista. Anos depois, o Brasil comprou vários mosaicos de ateliês em Roma, Veneza e Paris para seguir a tendência européia em construções como o Teatro Municipal, o Palácio Tiradentes e a Escola Nacional de Belas-Artes, além de outros prédios do Rio de Janeiro, de São Paulo, Minas Gerais, Pará e do Recife. As calçadas de pedras portuguesas foram o tipo de mosaico que mais se popularizou no Rio. O desenho original da calçada da Avenida Atlântica foi executado por calceteiros portugueses, trazidos juntamente com as pedras importadas pelo prefeito Pereira Passos.

Crescimento e urbanização – Até o final do século XVIII, Copacabana era uma área de chácaras. Não passava de um imenso areal, uma restinga com alguns cajueiros, jambeiros, pitangueiras, cactos e palmeiras-anãs. Mas, por sua localização estratégica, o bairro passou a fazer parte sistema de defesa da cidade contra invasões de piratas. Foram construídos o Forte do Vigia, no Leme, e outros no morro da Babilônia, na Ponta da Igreja (o Forte de Copacabana, no Posto Seis) e o Inhangá.

¹ A estrada foi construída em 1855, por José Martins Barroso, proprietário de terras na região.

Uma história do maior passatempo dos cariocas

Não é de hoje que o carioca adora uma praia. Conta a lenda que o hábito teve início em Copacabana no final de agosto de 1858. Depois do boato de que duas baleias teriam aparecido na praia e enalhado, centenas de pessoas, inclusive o imperador Pedro II e sua comitiva, ocuparam as areias de Copacabana com barracas e farnéis. As "visitantes" não apareceram, mas todos se divertiram muito, num piquenique que durou três dias e três noites.

Em sua história de amor com os cariocas, o banho de mar já foi até regulamentado por decreto. A idéia foi do prefeito Amaro Cavalcanti, que regulou a frequência às praias de Copacabana e do Leme em 1917, por meio do Decreto nº 1.143. Entre 1º de abril e 30 de novembro, só era permitido tomar banho de mar das 6 h às 9 h ou das 16 h às 18 h. Já entre 1º de dezembro e 31 de março, o horário mudava para as faixas das 5 h às 8 h e das 17 h às 19 h. Nos domingos e feriados, os horários eram ampliados por mais uma hora, pela manhã. (veja matéria sobre o site *Manual da Praia na página 19*)

A verdadeira integração ao restante da cidade, no entanto, só se deu mesmo com a abertura do Túnel Velho, em 6 de julho de 1892, depois de oito meses de obras supervisionadas pelo engenheiro Coelho Cintra. O então presidente da República, marechal Floriano Peixoto, considerou aquele como o ano de fundação de Copacabana. Para lotear o bairro, foi criada a Empresa de Construções Civas, que abriu ruas, construiu casas e deu a Copacabana o aspecto geometricamente ordenado que tem hoje.

Poucos meses depois da inauguração da Avenida, no dia 4 de março de 1906, foi aberto o segundo túnel de acesso ao bairro. Hoje chamado Engenheiro Coelho Cintra, liga Botafogo à Avenida Princesa Isabel, na época Rua Salvador Correia. Para este novo acesso foi disponibilizado um bonde com tração elétrica, que ia até a praça do Vigia, atual Júlio de Noronha, no Leme. Essas iniciativas visavam motivar a ocupação do bairro, que chegou a ser comparado às cidades balneárias da Europa, sobretudo por causa do clima fresco e da constante brisa marinha.

Apesar dos atrativos, o mar, com suas ressacas, assustava os futuros moradores. Por isso, em pouco tempo estava ocupada também a Avenida Nossa Senhora de Copacabana. Muitos proprietários preferiam construir suas casas não tão perto do mar e, geralmente, com os fundos voltados para a orla. Na Atlântica, inúmeras foram as obras desde a sua inauguração até hoje. Em 1921, foi destruído um terço de sua extensão. Já a duplicação da Avenida só aconteceu na gestão do prefeito Paulo de Frontin, em 1919. A forma exibida atualmente, com um canteiro central e 4,15km de extensão, foi inaugurada em 1971, pelo governador Francisco Negrão de Lima.

Referência – Em 100 anos de existência, a Atlântica foi palco de acontecimentos políticos, passeatas, comemorações, eventos culturais e manifestações sociais. Em 1922, entrou para a história o movimento conhecido como Revolta dos 18 do Forte². Um ano depois, era inaugurado, com pompa e circunstância, o Copacabana Palace Hotel, até hoje considerado o mais suntuoso das Américas e um dos mais bonitos do mundo. Em estilo *art-déco*, sua construção inspirou diversos edifícios do bairro e valorizou muito a região, principalmente o trecho entre as avenidas Atlântica e Nossa Senhora de Copacabana, próximo à praça do Lido.

O ar cosmopolita que a Avenida e o bairro exibem nos dias atuais certamente deixaria estupefatos os seus primeiros moradores. Os socós, aves ribeirinhas que inspiraram o primeiro nome do bairro – Sacopenapã, que significa caminho dos socós –, teriam dificuldade em se locomover entre tantos edifícios³. Mas a magia que cerca a Princesinha do Mar continua intacta, emprestando cor, charme e movimento à centenária Avenida Atlântica. ■

² Militares contrários às oligarquias da velha república combinaram um levante para o dia 5 de julho de 1922. Do Forte de Copacabana foram disparados os primeiros tiros de canhão, mas as outras unidades permaneceram em silêncio. Isolados e cercados pelas tropas legalistas, vários dos rebeldes se entregaram no dia seguinte. Restaram 17 tenentes e um civil, que saíram em marcha pela Avenida Atlântica. O episódio, conhecido como a Revolta dos 18 do Forte, resultou na morte de 16 dos manifestantes. Sobreviveram apenas os tenentes Siqueira Campos e Eduardo Gomes.

³ O nome Sacopenapã foi substituído em meados do século XVIII por Copacabana, que significa mirante do azul em *quichua*, língua dos povos nativos do Peru e da Bolívia. Há quem diga que a origem do nome do bairro está ligada ao envio de uma réplica da imagem de Nossa Senhora de Copacabana ao Rio de Janeiro. A santa teria vindo do lago Titicaca, entre o Peru e a Bolívia, e foi abrigada em uma capela, construída onde atualmente é o Posto Seis.

“Está com tudo e não ‘tá’ prosa”

Chacrinha foi o inventor de um novo jeito de se comunicar com o público

Criador de bordões até hoje lembrados, como “Terezinhaaaa!”¹, “Quem não se comunica se trumbica” e “Eu vim *pra* confundir, não *pra* explicar”, José Abelardo Barbosa de Medeiros, nacionalmente conhecido por Chacrinha, iniciou sua carreira no início dos anos 1940, quando resolveu abandonar a faculdade de medicina em Recife, por pavor de sangue, e tentar a sorte em uma emissora de rádio no Rio de Janeiro.

Chacrinha fez história quando alcançou 60 pontos no Ibope com seu *Cassino do Chacrinha*, exibido entre 1982 e 1988 na TV Globo. Não chegou a ser novidade. Desde 1959, fazia sucesso na TV Tupi do Rio com o programa *Discoteca do Chacrinha*, que lançou muitos ídolos da MPB e enlouquecia a audiência com as chacetes – dançarinas que se exibiam em trajes mínimos, mas desde que avalizados pelo “Guerreiro”, com coreografias exuberantes e nomes exóticos. Entre as mais famosas, Rita Cadillac e Fernanda Terremoto, que se transformaram em verdadeiras musas da televisão na década de 70.

TEXTO

JOANNA MIRANDA

(PEDAGOGA DO NÚCLEO DE
PUBLICAÇÕES E IMPRESSOS)

FOTOS

ALBERTO JACOB FILHO

Ainda na Tupi, o apresentador comandou *A buzina do Chacrinha*, programa de calouros de enorme popularidade que ele apresentava usando roupas bizarras e espalhafatosas. Acionava uma buzina para desclassificar os calouros e já alardeava seus bordões. Um deles, “Na TV nada se cria, tudo se copia,” era ao mesmo tempo revelador e premonitório. O formato de programa de auditório que Chacrinha levou da Tupi para a Globo é hoje exaustivamente repetido em todas as emissoras brasileiras.

Trajectoria – Abelardo Barbosa nasceu em Surubim, no agreste pernambucano, no dia 30 de setembro de 1917. Morou lá até os 10 anos, quando se mudou com a família para Campina Grande. Aos 17 anos, foi estudar no Recife e logo depois, em 1936, ingressou na faculdade de medicina. No início dos anos 40, ao desistir de ser médico, veio tentar a vida no Rio de Janeiro. Começou trabalhando como locutor da Rádio Vera Cruz, mas o emprego não durou muito: foi demitido em função de seu forte sotaque nordestino.

O emprego seguinte foi na Rádio Clube de Niterói. Mas lá era ele quem estava insatisfeito com a programação. Abelardo propôs então à emissora um programa de música carnavalesca, que seria transmitido à noite. Em 1942 estreava *O rei momo na chacrinha*. O apelido que o tornou conhecido vem dessa época. A emissora ficava numa pequena chácara e Abelardo se referia ao local como a “chacrinha”. O programa fez sucesso e, após o carnaval daquele ano, foi rebatizado de *O cassino da chacrinha*, assim mesmo, no feminino. O apresentador simulava entrevistas com artistas famosos e recriava a atmosfera de um verdadeiro cassino com efeitos sonoros nada convencionais, como sons de galos e outros bichos que habitavam a chácara.



Fafá de Belém comemorando os 80 anos de Chacrinha

¹ Existem inúmeras versões para explicar a origem da misteriosa personagem Terezinha, por quem Chacrinha não se cansava de chamar. O apresentador dizia que o nome foi inventado porque rimava com Águas Clarinha, um de seus patrocinadores. Mas seu irmão, Jarbas Barbosa, garante que Terezinha era uma fã enlouquecida, que perturbava diariamente o ídolo.



O Cassino do Chacrinha foi exibido entre 1982 e 1988

ra. O programa ficou no ar até 1955, quando o “Velho Guerreiro” foi convidado para trabalhar na TV Tupi do Rio, onde estreou com o programa *Rancho alegre*.

Memória – Durante três décadas, Chacrinha foi líder de audiência e sucesso absoluto em todas as emissoras pelas quais passou. Trabalhou por quase 50 anos e é o apresentador mais popular da história da televisão brasileira. Ele faleceu no dia 30 de julho de 1988, deixando a esposa, Florinda Barbosa, com quem foi casado durante 40 anos, e três filhos.

Cerca de 30 mil pessoas passaram pelo saguão principal da Câmara dos Vereadores, no centro do Rio de Janeiro, durante o velório do apresentador. Até hoje, 17 anos depois, ele continua sendo re-

verenciado. Entre as homenagens que recebeu estão a música *Aquele abraço*, de Gilberto Gil², o título de professor *honoris causa* da UniverCidade, concedido em 1987, um ano antes de sua morte, e o enredo “Com a boca no mundo, quem não se comunica...”, levado à Apoteose pela escola de samba Império Serrano no mesmo ano. Entre todas as reverências, no entanto, ele próprio escolheu a que mais lhe agradava, ao dizer como gostaria que as pessoas se lembrassem dele: “O maior elogio que posso receber é ser chamado de louco”. ■

Bom de vendas

Uma das marcas registradas de Chacrinha era arremessar postas e mais postas de bacalhau para sua platéia. “Vocês querem bacalhau?”, bradava ele, repetidas vezes, e lançava o bichinho, disputado a tapa no auditório. A brincadeira não era fruto de mais uma das loucuras do apresentador. Pelo contrário, nasceu de uma bem pensada estratégia de marketing – à moda do “Velho Guerreiro”, é verdade. Foi quando o bacalhau encalhou nas Casas da Banha, à época um de seus patrocinadores na TV Tupi, que Chacrinha encontrou seu jeito particular de reverter a situação. Deu certo: as vendas do produto explodiram. O apresentador explicou: “Brasileiro adora ganhar um presentinho”.

² Trecho de *Aquele abraço*, de Gilberto Gil:

“(…)Chacrinha continua balançando a pança/ E buzinando a moça e comandando a massa/ E continua dando as ordens no terreiro/ Alô, alô, seu Chacrinha, velho guerreiro/ Alô, alô, Terezinha, Rio de Janeiro/ Alô, alô, seu Chacrinha, velho palhaço/ Alô, alô, Terezinha, aquele abraço!/ Alô, moça da favela, aquele abraço!”



Em Janeiro a **MULTIRIO** vai exibir o melhor da programação em 2005, além de séries e desenhos inéditos.



Acesse www.multirio.rj.gov.br
Confira também todas as semanas no Diário Oficial

TV pública

A Associação Brasileira das Empresas Públicas Educativas e Culturais (Abepec), que reúne 20 emissoras do país que integram a Rede Pública de Televisão, vai promover em abril de 2006 o XXVI Encontro Nacional da Abepec. O evento será realizado em Curitiba, Paraná.
Abepec
Informações: (11) 3874-1234
secretaria@abepec.com.br
www.abepec.com.br

Educação infantil

Dois eventos vão interessar aos profissionais que lidam com crianças de zero a seis anos de idade. O primeiro deles é o 3º Congresso Internacional sobre Educação Infantil e Séries Iniciais, que acontecerá entre os dias 9 e 11 de fevereiro em São Paulo, SP. O segundo é o Congresso Internacional de Educação Infantil e Séries Iniciais. Este será realizado entre os dias 17 e 19 de fevereiro em Belo Horizonte, Minas Gerais. Ambos são uma produção da Futuro, Congressos e Eventos.
Informações: (41) 3668-6949
www.futuroeventos.com.br

Bispo do Rosário

Cologne in Colônia é a exposição coletiva que está no Museu Bispo do Rosário, em Jacarepaguá. São 326 artistas do Grupo Imaginário Periférico apresentando seus trabalhos ao público. O espaço cultural, vinculado à Secretaria Municipal de Saúde (SMS), reúne em seu acervo permanente 802 obras de Artur Bispo do Rosário, Antônio Bragança, Fernando Diniz e Gilmar Ferreira, entre outros artistas do inconsciente. De terça a domingo, das 10h às 17h.
Museu Bispo do Rosário
Estrada Rodrigues Caldas, 3.400, Taquara
Informações: 2446-6628

Extensão

A PUC-Rio está com inscrições abertas para a pós-graduação em Educação Infantil – Perspectivas de Trabalho em Creches e Pré-escolas. As inscrições vão até o dia 7 de março.
PUC-Rio
Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea
Informações: 0800-909556
www.cce_puc-rio.br

Bolsa em produção cultural

Estão abertas até o dia 10 de janeiro as inscrições para os candidatos a bolsistas do Programa de Incentivo à Produção de Conhecimento Técnico e Científico na Área da Cultura da Fundação Casa de Rui Barbosa. Os interessados devem enviar o formulário de inscrição, disponível no *site* da instituição (ver endereço abaixo) para a Rua São Clemente 134, Botafogo, Rio de Janeiro.
O CEP é 22260-000.
Casa de Rui Barbosa
Informações: 3289-4602 e 3289-4605
www.casaruibarbosa.gov.br

Fotografia

O Centro Cultural Laurinda dos Santos Lobo exibe até o dia 15 de janeiro a exposição *Era uma vez em Havana*, com fotografias de Maurício Nahas e Ricardo Barcellos. A visitação vai de terça a domingo, das 9h às 20h. A entrada é franca.
Centro Cultural Laurinda dos Santos Lobo
Rua Monte Alegre, 306, Santa Teresa
Informações: 2242-9741

Formação de professores

A Ápice Assessoria e Eventos promoverá entre os dias 19 e 21 de janeiro, em Salvador, BA, o Congresso Internacional de Leitura e Formação de Professores. Entre os palestrantes, Moacir Gadotti, do Instituto Paulo Freire, Antônio Nóvoa, da Universidade de Lisboa, e a educadora Marielena Freire. As inscrições podem ser feitas até o dia 13 de janeiro.
Congresso Internacional de Leitura e Formação de Professores
Ápice Assessoria e Eventos
Informações: (83) 3242-3331
apiceeventos@uol.com.br
www.apicebr.com.br

Artes plásticas

Trabalhos de quatro artistas plásticos – Marcia X, Ana Holck, José Tannuri e Gastão Manoel Henrique – estão em exposição até o dia 29 de janeiro no Paço Imperial, no Centro. O visitante poderá apreciar vídeos, instalações, objetos e esculturas. De terça a domingo, das 12h às 18h.
Paço Imperial
Praça XV de Novembro, 48, Centro. Informações: 2533-4405
www.pacoimperial.com.br



O destaque deste mês é um programa da série *Encontros com a mídia*, que mostra uma entrevista com Mauro Garcia falando sobre a programação infantil na TV pública, tema da matéria de capa desta edição. Como sugestões de leitura, *Pedro e Lua*, contemplado com o prêmio FNLIJ de 2005 na categoria de melhor livro para a criança, e *Quem não se comunica se trumbica*, com a biografia de Abelardo Barbosa, o Chacrinha.

Vídeos

Série *Encontros com a mídia*

Produção da MULTIRIO
Programa nº 18 – “Programação Infantil na TV Pública”
Entrevista com Mauro Garcia



Livros

Quem não se comunica se trumbica

Lucia Rito e
Florinda
Barbosa
Editora Globo,
1996

O livro traça a biografia de Abelardo Barbosa, o rei da comunicação de massa no Brasil, e um dos nossos maiores ídolos populares. Da infância e juventude no agreste de Pernambuco à mudança para o Rio nos anos 40, a peregrinação pelas rádios e a chegada à televisão, todos os fatos marcantes da vida do Velho Guerreiro estão relatados nesta biografia.



Pedro e Lua

Odilon Moraes
Cosac & Naif, 2004

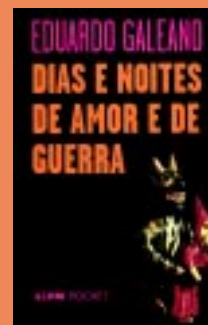
O livro conta a história de Pedro, um garoto fascinado pela noite e seus mistérios. Ele é diretamente relacionado com pedra, por uma questão etimológica. Seu encanto foi descobrir num livro que a lua, que faz a noite iluminar-se, também era uma pedra. E, num raciocínio lógico, as pedras encontradas pelo menino não eram mais do que fragmentos do satélite, caídos na Terra. O menino suspeita que as pedras, caídas da lua, sentem saudades de casa e, todas as noites, as empilha a fim de deixá-las mais perto da casa original. Eis que encontra uma tartaruga, cujo casco assemelha-se a uma pedra. O novo animalzinho de estimação de Pedro ganhou um nome bem particular – Lua. Uma verdadeira amizade está para nascer, entre Pedro e Lua. Ganhador do Prêmio FNLIJ – 2005 na categoria melhor livro para a criança.

Contos latino-americanos eternos

Alicia Ramal
(Organização)
Bom Texto
Editora, 2005
O livro reúne



contos de autores hispano-americanos consagrados: Adolfo Bioy Casares, Alejo Carpentier, Augusto Roa Bastos, Carlos Fuentes, César Vallejo, Gabriel García Márquez, Horacio Quiroga, José Donoso, Jorge Luis Borges, Juan Carlos Onetti, Juan Rulfo, Julio Cortázar, Leopoldo Lugones, Machado de Assis, Mario Benedetti, Mário de Andrade, Mario Vargas Llosa, Miguel Ángel Asturias, Octavio Paz, Roberto Arlt, Rubem Fonseca e Rubén Darío. Imperdível.



Dias e noites de amor e de guerra

Eduardo
Galeano
L&PM, 2005

Eduardo Galeano recupera neste livro as histórias, os homens comuns, o cotidiano dos anos de resistência à intolerância. Um livro marcado pela memória de um período difícil – os anos 1960 e 1970, mas que mostra de forma generosa e fascinante as alegrias, os amores e o humor que é capaz de sobreviver à violência e ao terror.

Para os mais fanáticos, cinema sem pipoca é como vir ao Rio e não conhecer o Cristo. Por isso, a Prefeitura resolveu completar o prazer de um bom filme brasileiro com um ingrediente especial: um saco de pipoca quentinha, feita pelo pipoqueiro na hora. E, o que é melhor: tudo de graça.

O "Pipoca na Prefeitura" - que todo mundo conhece como "Sessão Pipoca" - começou no ano passado, no auditório da Prefeitura. O programa, sempre na primeira sexta-feira do mês mas somente para servidores, exibiu o melhor do nosso cinema, que a Prefeitura vem apoiando através da Riofilme.

O sucesso foi tanto que este ano, além destas sessões, a programação se estendeu às lonas culturais

Carlos Zéfiro (Anchieta),
Sandra de Sá (Santa Cruz),
Terra (Guadalupe),
Elza Osborne (Campo Grande),
Gilberto Gil (Realengo),
Hermeto Pascoal (Bangu),
à Casa de Artes de Paquetá
e ao Espaço Cultural Sérgio Porto, no Humaitá - único local onde o ingresso custa apenas R\$ 2. Mas a pipoca é de graça. Os dias e sessões variam em cada local. Por isso, fique de olho na programação.

www.rio.rj.gov.br



RIO  **PREFEITURA**
CULTURAS **RIOFILME**

QUALQUER DIA, TODA HORA. TODO DIA, QUALQUER HORA.



NÓS DA ESCOLA

Próximo número: novas tecnologias e ludicidade